

CLAUDIANA DA SILVA NOGUEIRA

OS “MAIS VELHOS” NA FOLHA DE S. PAULO

Uma análise crítica do discurso jornalístico sobre a velhice (1990-1999)

Dissertação apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientador:

Prof. Dr. Kanavillil Rajagopalan

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNICAMP
Instituto de Estudos da Linguagem
2000



088 77000

AMADA:
UNICAMP
N.º 89m
Ex.
O BC/ 41942
278/00
 D X
R\$ 11,00
20-01-00
CPD

4-00142836-3

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

N689m

Nogueira, Claudiana da Silva

Os "mais velhos" na Folha de S.Paulo: uma análise crítica do discurso jornalístico sobre a velhice (1990-1999) / Claudiana da Silva Nogueira. - - Campinas, SP: [s.n.], 2000.

Orientador: Kanavillil Rajagopalan

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Velhice. 2. Ideologia. 3. Análise do discurso. 4. Jornalismo. I. Rajagopalan, Kanavillil. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Prof. Dr. Kanavillil Rajagopalan – orientador

Prof. Dr. Eduardo R. Junqueira Guimarães

Prof. Dr. Jonas de Araújo Romualdo

Prof. Dr^a. Maria Irma Hadler Coudry

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Claudiaara da Silva

Proqueira

e aprovada pela Comissão Julgadora em

26/07, 2009

Cláudia da Silva

Para o meu Ícaro,
cuja doçura dos sorrisos
enche de paz o meu cotidiano
Para o seu pai Yuri,
a quem este trabalho custou
a distância desses sorrisos.

BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

AGRADECIMENTOS

- Ao professor Kanavillil Rajagopalan pela atenção, segurança e pelo conhecimento na orientação; pela confiança e entusiasmo com que tem, durante esses anos, acompanhado minhas descobertas teóricas.
- À CAPES pela bolsa de mestrado (programa PICDT).
- À Universidade Estadual do Ceará e a FECLESC, em especial ao curso de Letras pelo apoio e liberação de minhas atividades docentes.
- À Secretaria da Pós-graduação e à Biblioteca do IEL/ Unicamp pelo carinho e ajuda de todos os funcionários, em especial à Rose e à Belkis.
- Aos professores Jonas Romualdo e Eduardo Guimarães pela leitura atenta e sugestões valiosas no exame de qualificação.
- Aos meus pais, pela compreensão e amor em meio à distância e à saudade.
- À Aída Calixto, pelas idas e vindas à UECE, pelo esforço e desprendimento com que tem me ajudado nos últimos anos.
- À Aninha, minha irmã e amiga, pela paciência e ajuda de todas as horas.
- A Josias, Ivone, Daniel, Davi, e Juliana pela acolhida e o amor de uma verdadeira família em Campinas.
- À Sofia pelo esforço e dedicação sem os quais eu não concluiria este trabalho .
- A Alessandro, Alessandra, Jose, Lilian e a todos os amados da CCB.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Lembra-te do teu criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias, e cheguem os anos dos quais venhas a dizer: Não tenho neles contentamento.

Antes que se escureçam o sol, e a luz, e lua, e as estrelas, e tornem a vir as nuvens depois da chuva: No dia em que tremerem os guardas da casa, e se curvarem os homens fortes, e cessarem os moedores, por já serem poucos e se escurecerem os que olham pelas janelas;

E as duas portas da rua se fecharem por causa do baixo ruído da moedura, e se levantar à voz das aves, e todas as vozes do canto se baixarem;

Como também quando temerem o que está no alto, e houver espantos no caminho, e florescer a amendoeira, e o gafanhoto for um peso, e perecer o apetite: Porque o homem se vai à sua eterna casa, e os pranteadores andarão rodeando pela praça;

Antes que se quebre a cadeia de prata, e se despedace o copo de ouro, e se despedace o cântaro junto à fonte, e se despedace a roda junto ao poço, E o pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu.

Eclesiastes, 12: 1-7

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: Linguagem e Ideologia – a velhice no discurso jornalístico 08

PRIMEIRA PARTE: A TEORIA SOCIAL DA LINGUAGEM

2. PARA UMA POSTURA CRÍTICA LINGUÍSTICA 12
2.1. A metáfora do tubo 18
2.2. Teoria vs. Ideologia 20
2.3. A divisão do saber linguístico em disciplinas 23
3. ESTUDOS LINGUÍSTICOS CRÍTICOS 27
3.1. O discurso numa perspectiva social da linguagem 28
3.1.1. O discurso como texto 33
3.1.2. Prática discursiva 36
3.1.3. O discurso como prática social 38
4. A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO EM PRÁTICA: 40
4.1. Os procedimentos metodológicos 40
4.2. Formulação da hipótese 43

SEGUNDA PARTE: A PRÁTICA JORNALÍSTICA COMO UMA PRÁTICA DISCURSIVA

5. A IMPRENSA ENQUANTO INSTITUIÇÃO SOCIAL 48
6. PRÁTICA DISCURSIVA E INTERTEXTUALIDADE 52
7. HETEROGENEIDADE E INTERTEXTUALIDADE 66
7.1. A intertextualidade manifestada 67
7.2. A intertextualidade constitutiva 72

TERCEIRA PARTE: A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS PARA VELHICE

8. VELHICE E CONSTRUÇÃO DISCURSIVA 76
8.1. A velhice entre o natural e o cultural 77
8.2. A velhice entre o público e o privado 82
9. OS PROCESSOS DE DESIGNAÇÃO: entre a referência e o sentido 93
10. AS RELAÇÕES DE SENTIDO ENTRE VELHICE E TERCEIRA IDADE 110
11. CONCLUSÃO 119
12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 122

RESUMO

Este trabalho propõe uma análise crítica do discurso jornalístico da Folha de S.Paulo sobre a velhice, no período de 1990 a meados de 1999, para questionar como e por que a velhice vem sendo construída modernamente como um problema político–social, a partir dos sentidos naturalizados nos discursos institucionais, com enfoque na mídia e mais especificamente, na imprensa jornalística.

Ao optar pelo programa de estudos lingüísticos “críticos” elaborado por Norman Fairclough, pretendi discutir as relações entre linguagem e ideologia, enfatizando o papel do lingüista e a contribuição de seu estudo para a vida social.

Palavras-chaves: velhice; ideologia; análise do discurso; jornalismo

1. INTRODUÇÃO

Linguagem e Ideologia : a velhice no discurso jornalístico

O mundo moderno está enfrentando o constante desafio do aumento expressivo da população mundial de idade avançada. Várias pesquisas constatam uma aceleração do envelhecimento populacional e estimativas da Organização Mundial de Saúde (OMS) prenunciam que no ano 2050 os idosos serão um quarto da população.

Esse aumento acentuado no número de idosos tem gerado um grande interesse por parte da sociedade, dos poderes públicos e também da academia, pela necessidade de se buscarem as causas determinantes das atuais condições de saúde e de vida dos idosos e de se conhecerem as múltiplas facetas que envolvem o processo de envelhecimento.

Ressalta-se a articulação e envolvimento de órgãos públicos e privados, das universidades da terceira idade, das associações de geriatria - um dos ramos da medicina que se dedica a assistir os idosos - e dos grupos de lazer, na construção de discursos que produzem um novo marketing para a terceira idade.

Temas como velho, velhice e envelhecimento, anteriormente vistos com desdém, passam a se fazer presentes em numerosas matérias jornalísticas através de discursos que apresentam uma atitude prática e ideológica da mídia com relação à velhice.

Todo esse efervescente movimento vem mostrar que a velhice tem sido apresentada na sociedade contemporânea como um problema social. O reconhecimento

desse problema não é o resultado mecânico do crescimento da população idosa, mas efeito de discursos institucionais usados para justificar interesses pessoais, políticos e sociais pelo tema.

Diante de um quadro tão instigante decidi trabalhar com o tema da velhice, não para denunciar a conspiração do silêncio, como o faz Simone de Beauvoir (1990) - até porque, como me referi acima cresce o interesse e, conseqüentemente, o número dos trabalhos em torno da velhice. Mas para investigar a operacionalização (legitimação, dissimulação, naturalização, etc.) de ideologias nos discursos institucionais sobre a velhice, a partir da utilização de um programa de estudos lingüísticos críticos, cuja ênfase está na inter-relação entre linguagem, poder e ideologia. A abordagem a que me refiro e que utilizarei como arcabouço teórico-metodológico deste trabalho é a chamada *critical language study* - CLS, elaborada por Norman Fairclough, da Universidade de Lancaster. Tal abordagem permite delinear os novos caminhos para uma ética lingüística e mostrar a importância dos estudos lingüísticos para a vida social.

Percebendo a imprensa como uma instituição social (cf. Mariani; 1999) decidi estudar o discurso do jornal a *Folha de S. Paulo*, que citado por outros periódicos, vem sendo considerado “referência” nacional, apresentando um projeto político- editorial específico, e circulando em âmbito nacional. Considerado como instituição, o jornal a *Folha de S.Paulo* vai ser visto como ocupando uma posição social, portanto, anunciando e reproduzindo sentidos deste lugar.

O discurso jornalístico sobre a velhice será visto, pois, como uma prática discursiva daquele jornal, constituindo-se em uma prática social.

Muito embora a abordagem de análise que escolhi não seja exaustiva, decidi trabalhar com publicações da *Folha* na década 90, i.e, de 1990 até setembro de 1999, para relatar o crescente interesse pela velhice, a partir do aumento do número de matérias nos últimos anos,¹ e para observar os processos de produção de sentidos sobre a velhice a partir dos processos discursivos, historicamente constituídos na prática jornalística.

Meu intuito, portanto, é indagar quais são os sentidos da velhice e do envelhecimento construídos no discurso jornalístico e, como esses sentidos vêm sendo sedimentados historicamente, na apresentação da velhice como um problema social.

Na primeira parte desta dissertação, será apresentada a discussão sobre a possibilidade de assumir uma postura crítica em lingüística. Também será apresentada a teoria social da linguagem proposta por Norman Fairclough (1992), cuja exposição define a fundamentação teórica e metodológica deste trabalho.

Na segunda parte, será focalizada a prática jornalística como uma prática discursiva; a imprensa como instituição e suas relações com a linguagem e a ideologia; e as questões referentes ao poder no discurso jornalístico e, a terceira parte, apresenta um caráter mais analítico, onde exercitarei a *análise crítica do discurso* na prática jornalística sobre a velhice.

¹O ano de 1999 foi escolhido pela Organização das Nações Unidas (ONU) como o Ano Internacional do Idoso.

Espero que, de alguma forma, este trabalho possa contribuir para a formação da consciência das relações sociais de poder, através de um foco “crítico” sobre a linguagem, dentro e fora do campo da Lingüística.

PRIMEIRA PARTE:
A TEORIA SOCIAL DA LINGUAGEM

2. PARA UMA POSTURA CRÍTICA EM LINGÜÍSTICA

“Dentre as tendências atuais que mais agitam o campo da Lingüística, pode ser destacado o crescente interesse em investigar as dimensões éticas e ideológicas das teorias lingüísticas.”

(RAJAGOPALAN)

Muito embora as pesquisas lingüísticas cada vez mais trabalhem com temas ligados ao social e ao político, há ainda grandes lacunas acerca da articulação entre linguagem e poder, linguagem e vida social.

A ascensão de tendências várias em Lingüística que trabalham incansavelmente de modo a alargar o objeto de estudo da chamada “ciência da linguagem,” ou de delinear campos intermediários onde sejam discutidas questões de imprevisibilidade e imperfeição que escapam ao campo “lingüístico propriamente dito”, vêm marcando a ruptura com as concepções tradicionalistas que reduzem a linguagem a mero instrumento de comunicação.

Segundo Paul Henry (1992), Pêcheux já denunciava, em sua *Análise Automática do Discurso* (AAD-69), essa concepção de linguagem como sendo uma ideologia que funciona de modo a colocar as ciências humanas no prolongamento da ciências naturais (cf. Henry, 1992).

Subáreas da lingüística recebem elementos teóricos advindo de outros campos de saber, como da sociologia, da psicologia social, da psicanálise, da filosofia e da ciência política, esboçando um movimento que parece deixar cada vez mais longe, a clássica noção de linguagem como *representação do pensamento* e a noção saussureana de linguagem como *instrumento de comunicação*. Vale lembrar que essa última noção, a partir do princípio da arbitrariedade lingüística, representa um acréscimo conceptual do legado saussureano à visão representacional, presente na *Grammaire générale et raisonnée* (1660), redigida pelo filósofo A. Arnauld e pelo gramático C. Lancelot para as escolas de Port-Royal².

² A contribuição saussuriana para o desenvolvimento dos aspectos conceptistas da linguagem, através da constituição do signo lingüístico por um representado (o pensamento) e um representante (substância fônica de natureza psico-física) vem mostrar que o valor dessa constituição é dado a partir das relações estabelecidas entre os signos. Para Saussure essas relações não são criadas a todo instante, em cada momento da fala. São, porém, preestabelecidas no próprio sistema formado arbitrariamente. E é, justamente, por esse caráter convencional e arbitrário que Saussure defende a singularidade das estruturas lingüísticas, apresentando a idéia, de que toda língua, é por assim dizer, uma lei em si mesma.

Essa afirmação que comprova a realidade da organização própria da cada língua não foi negada pelos lingüistas defensores da gramática universal, que argumentavam que tal diversidade seria proveniente de transformações operadas na própria língua a partir de um esquema inicial, o qual respeitaria sempre a natureza do pensamento. Saussure, contudo, avançou no argumento da diversidade das estruturas lingüísticas, mostrando que a complexidade das relações entre os elementos da língua, bem como a dificuldade de segmentação e identificação desses elementos comprovam que não se pode encontrar uma análise lógico-psicológica de que as línguas sejam cópia fiel. Para ele a compreensão dessas relações só é possível a partir da arbitrariedade lingüística: só serão consideradas pertinentes as relações entre sons e idéias estabelecidas pelos falantes de uma determinada comunidade lingüística.

Contra-argumentos a tais concepções vêm surgindo de modo a construir arcabouços teóricos, no sentido de alargar as fronteiras do estruturalismo lingüístico. Questões referentes ao uso, ao usuários e ao contexto são cada vez mais freqüentes marcando a influência da Filosofia sobre a Lingüística.

Enquanto que sociolingüistas, psicolingüistas , analistas da conversação e do discurso e outros pesquisadores incorporam elementos de outras áreas do saber, tais áreas vêm beber na lingüística o interesse pela linguagem. Como exemplo disso, temos a chamada “virada lingüística” que vem mostrar o crescente interesse de filósofos e até mesmo de teóricos sociais pela linguagem (cf. Rajagopalan, 1997). Tal movimento, segundo Manfredo Oliveira na obra *Reviravolta Lingüístico-Pragmática na Filosofia contemporânea*, fez com que a linguagem se tornasse, em nosso século, a questão central da Filosofia. Ele diz que “na teoria do conhecimento, a crítica transcendental da razão foi submetida a uma crítica da linguagem; a lógica se confrontou com o problema das linguagens artificiais e com análise das línguas naturais; a antropologia vai considerar a linguagem um produto específico do ser humano e correlacionar entre forma da linguagem e visão de mundo, a ética, questionada em relação a sua racionalidade, vai partir da distinção fundamental entre sentenças declarativas e sentenças normativas” (Oliveira, 1996 :11)

Rajagopalan considera J. L. Austin (1911-1960) com sua obra “*How to Do things with Words*”(1962) na qual decorre sobre os chamados “atos de fala,” como o filósofo que mais influenciou os rumos da Lingüística por instituir uma concepção de linguagem como ação (cf. Rajagopalan 1997).

No que diz respeito às ciências sociais e seu interesse pela linguagem, inúmeros autores passam a considerá-la como categoria fundamental para a compreensão do cotidiano, do social, do político e do ideológico. Pêcheux (1969) promovendo uma crítica às ciências sociais, no que se refere à prática política, elege o discurso e a análise do discurso como o lugar para intervir prática e teoricamente nas ciências sociais.

Gohn (1997:133), ao estudar o paradigma dos Novos Movimentos Sociais (N.M.S), nomeia Habermas e Foucault como os principais articuladores das teorias fundadas no discurso. Ela afirma que “o discurso sobre ação versus estrutura surgiu num contexto histórico em que havia reação ao estrutural-funcionalismo, particularmente na linha de Parsons”.

Para me referir as mudanças em curso na Linguística, no que diz respeito a uma abertura à imprevisibilidade e ao contexto, vale lembrar que uma versão recente do gerativismo chomskiano, a Teoria da Regência e Ligação (TRL), como ficou conhecida a *Teoria dos Princípios e Parâmetros*, sem se desvincular do pressuposto de que a linguagem é um sistema de conhecimentos interiorizado na mente, define o programa de investigação da Gramática Gerativa como o desenvolvimento de quatro grandes questões, e traz, no bojo das discussões, interesses que foram rechaçados por Chomsky e seus seguidores em polêmicas históricas anteriores.

Além de estudar o conteúdo do sistema de conhecimentos que se desenvolve na mente do falante, a teoria abre espaço para indagar entre outras questões “como é que o sistema de conhecimentos adquirido é utilizado pelo falante em situações discursivas concretas” (Raposo, 1992 : 27).

Essa visibilidade aparente pode nos levar a concluir que a Lingüística se torna mais voltada para questões externas, fugindo de seus preceitos fundadores que prescreviam um foco “insider” como garantia de sua cientificidade, na delimitação clara de seu objeto de estudo? Ou ainda, que o crescimento de subáreas em Lingüística como sociolingüística, psicolingüística, pragmática, análise do discurso, análise de conversação, lingüística de texto dentre outras, entrevê um movimento em Lingüística que a torna mais sensível às questões de ordem social e política?

A resposta a essas questões não é tão simples. No meu entender, três pontos vêm indicar que a Lingüística continua fechada para a articulação entre a produção acadêmica e a sociedade, elegendo ainda como centro da sua *episteme* a língua em si mesma - para o qual os elementos externos e problemas de outra ordem, que não sendo tidos como propriamente lingüísticos aparecem como acidentais, complementares.

Os três pontos de reflexão são aqui colocados para afirmar que, posições em Lingüística comumente tidas como engajadas a questões sociais e históricas, ainda estão distantes de configurarem um movimento crítico representativo na disciplina, por permanecerem ligadas a pressupostos tradicionais e por reivindicarem a velha noção de neutralidade científica que as mantém imunes de assumir responsabilidades éticas, a partir de suas opções teóricas:

- (i) Já é lugar comum entre os lingüistas a denúncia à concepção da linguagem como mero instrumento de comunicação, como veículo de informações. Quero mostrar

através da noção de “metáfora do tubo” de Michael J. Reddy (1979) que essa concepção não está tão distante de nós.

- (ii) Algumas tendências em Lingüística que propõem uma articulação entre a linguagem e ideologia, discurso e prática política - questões consideradas externas à Lingüística propriamente dita, fazem-no a partir da pretensão de se falar de um outro lugar que não o lingüístico, omitindo-se, assim, de promover uma discussão sobre as ideologias presentes nas teorias lingüísticas, numa perspectiva que além de consolidar velhas dicotomias como ‘teoria vs. prática’ ; ‘ciência vs. ideologia’, mantém intactos discursos clássicos dominantes, ignorando poderes que emanam de tais discursos.
- (iii) Os lingüistas em seus estudos restringem suas reflexões em torno de postulados circunscritos em suas áreas de investigação, mantendo a divisão e a balconização de saberes dentro da Lingüística, o que implicitamente sustenta a defesa de uma “ciência pura”, que não se permite responder a questões de ordem ética, política e ideológica.

Esses pontos de reflexões, que serão trabalhados nas seções a seguir, vão permitir que, aos poucos, seja delineado o caminho que eu escolhi para lidar com um tema como velhice e envelhecimento na sociedade moderna, tendo como desafio fazê-lo numa perspectiva lingüística crítica.

2.1. A “Metáfora do Tubo”

A concepção de linguagem como instrumento de comunicação e transmissão de informações não caminha tão distante de nós. Tal concepção se faz acompanhar dos dizeres mais críticos, nas tendências mais avançadas da Lingüística quando comparadas com vertentes estruturalistas e, se esconde através de metáforas mortas em nossa linguagem cotidiana (cf. Reddy 1996).

Trata-se de um conflito conceitual, presente na nossa linguagem sobre a linguagem. A esse conflito Michael Reddy (1996) denomina *metáfora do tubo*.

Toda nossa linguagem cotidiana estaria carregada de metáforas que nos levariam a uma armadilha e que denunciam, algo mais do que a concepção do caráter representacional ou instrumental da linguagem. A metáfora do tubo sugere que ao falarmos a nossa própria língua estaremos também transmitindo os nossos pensamentos através de uma espécie de conduto: a linguagem. O efeito dessa metáfora seria, pois, o funcionamento da linguagem como um tubo condutor de pensamentos.

É comum dizermos: ‘não consegui captar o pensamento daquele autor’, ou ainda: ‘tente me passar melhor o que você está pensando’, que parecem envolver a asserção figurativa de que a linguagem transfere pensamentos e sentimentos humanos. O quadro conceitual da metáfora do tubo denuncia que expressões nucleares nessas categorias implicam algo bastante perigoso que se faz presente em nossas colocações de problemas referentes à linguagem, mesmo em textos ditos politizados:

- (i) a linguagem funciona como um tubo, transferindo pensamentos corporalmente de uma pessoa a outra;
- (ii) escrevendo e falando, as pessoas inserem seus pensamentos ou sentimentos em palavras;
- (iii) ouvindo ou lendo, as pessoas extraem de novo pensamentos e sentimentos das palavras. (Reddy;1996:26)

Segundo Reddy, tornarmo-nos conhecedores da metáfora do tubo não vai alterar em nada a situação, uma vez que, simplesmente nenhum de nós vai se desvencilhar dela, senão por trazermos uma série de mudanças ligadas à língua. A metáfora do tubo poderia gerar uma espécie de patologia semântica.

Em uma outra linha de pensamento, e ainda sem se desvencilhar da metáfora do tubo, Paul Henry em sua obra *A Ferramenta Imperfeita*, ao discutir a noção de pressuposição - que para G. Frege era fruto de um defeito da linguagem ordinária - procura mostrar que é patente que a linguagem seja uma ferramenta (instrumento) imperfeita. Ele diz: “enquanto instrumento de comunicação e de troca, do pensamento e da sua expressão, a linguagem acaba traindo o pensamento, por ser causa de mal-entendidos, de ilusões e de erros. Falar nesse momento de um defeito da linguagem, apresentá-la como uma ferramenta imperfeita, como Bentham ou Frege, parece mesmo

um eufemismo que preserve a miragem da linguagem bem feita, de instrumento aperfeiçoado ou ainda de um uso racional desse instrumento”.

Esse tal “eufemismo” ou utopia a que remete Paul Henry vem trazer a tona o nosso desejo incontrolável da posse da linguagem, do conhecimento de seus mecanismos, de varrer o terreno desse conhecimento, da delimitação clara de seu objeto, da nomeação de terminologias e disciplinas que, no fundo, não escondem o desejo de nos vermos livres da linguagem que medeia, operacionaliza e atrapalha a tão sonhada comunicação perfeita.

2.2- Teoria vs. Ideologia

Do ponto de vista do materialismo histórico, Paul Henry (1992) considera a forma *sujeito do conhecimento* como “um efeito ideológico particular, ligado as formas específicas da reprodução, qualificação e divisão do trabalho que determinam a produção-reprodução de uma distinção entre ideologias práticas e ideologias teóricas (pelo viés sobretudo da posição dominante nesse processo de um aparelho ideológico de Estado sobre os outros, o aparelho escolar nas formações sociais capitalistas)” (Henry;1992:143).

Segundo o autor, o processo de produção é um processo histórico que se realiza sob formas históricas variadas nas práticas sociais. Para ele, a “prática científica é primeiro como toda prática, uma prática social, secundariamente é uma prática

específica”(Henry; 1992:23). Os agentes do processo de produção de conhecimentos se constituem na prática científica e, por essa prática social, como sujeitos (cientistas, pesquisadores, pensadores, etc) através das formações ideológicas, pois só há prática através de uma ideologia.

Tais colocações são interessantes para problematizar a dicotomia ‘teoria vs. ideologia’. Faz-se necessário tratar essa dicotomia como uma verdadeira polêmica que permanece em Lingüística, como em todo meio científico, como se a ciência estivesse à margem de quaisquer implicações ideológicas e políticas.

Num recente debate a respeito do estatuto da Lingüística Aplicada, Rajagopalan (1999) retoma essa conflitante dicotomia numa crítica à posição de Widdowson e Brunfit: esses dois teóricos defendem a tese de que as ideologias estão fadadas a serem parciais, enquanto que teorias podem ser aperfeiçoadas e expurgadas de sua parcialidade inicial para manter o caráter indubitavelmente sério de sua cientificidade.

O valor de neutralidade das teorias insistentemente defendido por pesquisadores da Lingüística e de outras áreas é veementemente contestado por Rajagopalan, mostrando que se teorias são propostas como solução para determinados problemas, a própria identificação dos problemas e o tipo de solução proposta para ele reflete posições ideológicas. O lugar onde se situa o pesquisador indica, portanto, uma postura ideológica.

Rajagopalan argumenta, ainda, em favor de uma postura crítica em estudos da linguagem sem que isso signifique a não- realização de uma pesquisa acadêmica séria. O autor aponta para uma mudança de paradigma em Lingüística que deve significar uma

tomada de consciência por parte dos pesquisadores das implicações éticas, ideológicas e política de seus trabalhos (cf. Rajagopalan;1999).

Este trabalho por tentar promover uma análise crítica do discurso utiliza o conceito de ideologia a partir da concepção crítica de John B. Thompson (1995) que também se encontra presente nos trabalhos elaborados por Fairclough.

Tal concepção pensa a teoria da ideologia à luz do desenvolvimento dos meios de comunicação de massa. Essa teoria rejeita uma noção neutra de ideologia que se omita de distinguir entre os tipos de ação ou projetos que a ideologia incentive, considerando-a somente como uma característica de qualquer movimento político organizado.

Thompson argumenta que, na tentativa de despojar a ideologia de seu conceito negativo, estudiosos menosprezaram um conjunto de problemas relativos a esse conceito. Esses problemas serão levados em conta em sua reformulação do conceito de ideologia a qual mantém a conotação negativa que foi trazida pelo conceito ao longo de sua história, mas liga a análise da ideologia à questão da crítica (cf. Thompson 1995).

Esse enfoque crítico leva em conta as inter-relações entre sentido e poder, uma vez que se refere à ideologia como o sentido usado em circunstâncias particulares para estabelecer e sustentar relações de poder, chamadas por Thompson (idem:16) de relações de dominação. Ele diz: “a análise da ideologia pode ser vista como uma parte integrante de um interesse mais geral ligado as características da ação e da interação, às formas de poder e de dominação, à natureza da estrutura social, à reprodução e a mudança social, às qualidades das formas simbólicas e a seus papéis na vida social”.

Nessa reformulação, Thompson nega a tendência de considerar a ideologia como um “cimento social” que conseguiria estabilizar as sociedades e a tendência inspirada em Marx de pensar a ideologia como uma ilusão, uma imagem distorcida do real. Em sua reformulação, o estudo da ideologia se desenvolve no terreno das formas simbólicas historicamente contextualizadas - que não são ideológicas em si mesmas - e se constitui num estudo de aspectos reais da vida social.

No que diz respeito à dicotomia teoria vs. Ideologia, não a partir do conceito utilizado por Henry no começo dessa seção, mas operacionalizando a reformulação de Thompson, podemos dizer que a oposição entre as duas categorias é, no mínimo, problemática, uma vez que uma teoria é sempre um construto de sentido que se presta a estabelecer relações de prestígio, status, relações de poder.

2.3 - A divisão do saber lingüístico em disciplinas

Uma outra questão importante a ser levantada no que diz respeito a elaboração de uma teoria crítica com relação a linguagem está situada na “balconização de saberes”, própria da academia. Na verdade, Foucault (1971) já apontava para o fato de que o poder se instaura nessa divisão de saberes e competências, segundo ordens de discursos, que omitem e limitam poderes e perigos, selecionando os sujeitos que falam.

Nesta perspectiva crítica, Foucault ainda designa a organização das disciplinas como um procedimento de limitação dos discursos. Segundo ele, “uma disciplina se

define por um domínio de objetos, um conjunto de métodos, um corpus de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e definições, de técnicas e de instrumentos: tudo isso se constitui uma espécie de sistema anônimo à disposição de quem quer ou pode servir-se dele, sem que seu sentido ou sua validade estejam ligados a quem sucedeu ser seu inventor (Foucault; 1971:30).

Portanto, a organização das disciplinas (constituição, divisão) é um princípio de controle da produção do discurso. Tal princípio é, segundo Foucault, um princípio de coerção. Segundo ele “é provável que não se possa explicar seu papel positivo e multiplicador, se não se levar em consideração sua função restritiva e coercitiva” (Foucault,1971:36)

Nesse sentido, Rajagopalan (1998: 132) denuncia a longa tradição consagrada em Lingüística, com influência da semântica e da filosofia analítica que hierarquiza disciplinas, elegendo como o âmago disciplinas dominantes, enquanto que outras vão sendo situadas às margens daquelas. É por essa tendência que a semântica vai ser definida como *a teoria lingüística menos a gramática* e a pragmática como *a significação menos a semântica*. De acordo com o autor trata-se de “uma escala de componentes, escala que define, ao mesmo tempo, uma ordem cronológica de prioridades de pesquisa (...) o que vem a ser pior ainda é que a idéia de sobras (isto é, a idéia de que a pragmática é o que se faz com as sobras da semântica, a qual, por sua vez se constitui em um campo de pesquisa onde se trabalha com as sobras da sintaxe) acaba legitimando uma escala de valores de prioridade conceitual”.

A hierarquia, os métodos próprios e as demarcações entre disciplinas lingüísticas estabelecem uma espécie de controle discursivo impedindo os pesquisadores e profissionais de assumirem uma posição crítica com relação ao seu trabalho e a sua área de pesquisa. Esse controle seleciona dentro das instituições o que pode e o que não pode ser tratado em determinadas disciplinas fazendo com que os pesquisadores negligenciem as revisões e as críticas aos métodos e às teorias, a partir dos confrontos com o histórico e o político para além de sua área.

Nesse momento, acho importante enfatizar minha opção teórica pela abordagem alternativa proposta por Norman Fairclough (1989) que focaliza a questão do poder e aspectos críticos negligenciados, aproveitando a contribuição de várias disciplinas lingüísticas a partir de omissões e lacunas presentes em cada uma delas.

Fairclough, por exemplo, analisa a sociolingüística em seu aspecto para alguns complementar, para outros contestador da Lingüística propriamente dita, indicando como contributo para seus estudos críticos, o conceito sociolingüístico da natureza socialmente constituída da linguagem. No entanto, ele critica a influência das concepções positivistas na sociolingüística que vêm impossibilitá-la de refletir criticamente sobre as relações sociais de poder. A sociolingüística trabalha o conceito de classe como sendo um extrato social - grupos de pessoas semelhantes em variáveis sociológicas - e não no sentido que considere classes sociais como forças sociais que ocupam diversas posições econômicas, que têm interesses antagônicos e conflitos determinados no curso da história social. Para Fairclough, perguntando sempre *quais são as formas de variação* e nunca *por que e como tais formas são estabelecidas*, a

sociolingüística contribui para manter tais formas, legitimando o prestígio lingüístico de algumas variações.

Dentre outras áreas da Lingüística revistas por Fairclough, a pragmática na linha de H.P Grice apresenta uma imagem idealizada e utópica da interação verbal ignorando desigualdades e conflitos de poder na sociedade, ao apresentar uma descrição do discurso como ele deve ser, e não como ele é (cf. Fairclough,1989:10).

Desse modo, apesar de estabelecer ligações com várias abordagens em Lingüística, mostrando que as mesmas têm contribuições relevantes ao seu programa de estudo, Fairclough ressalta as limitações dessas disciplinas de um ponto de vista crítico. A abordagem para a linguagem proposta por Fairclough, a chamada *critical language study* (CLS) usa o termo *crítico* visando mostrar as conexões entre linguagem, poder e ideologia que são determinadas num sistema de relações sociais.

Nesse sentido, o programa de estudos de Fairclough aparece como uma alternativa, por denunciar a neutralidade até mesmo na pesquisa lingüística. Ao contrário dos que defendem que a função do lingüista seja tão somente descrever o seu objeto de estudo, Fairclough insiste que a pesquisa em Lingüística e suas reflexões podem e devem contribuir para que pessoas se tornem conscientes da exploração e dominação estabelecidas através da linguagem, provocando atitudes críticas, a emancipação e a mudança social -um motivo relevante para eu ter escolhido os *estudos lingüísticos críticos* como um dispositivo teórico que possa vir a dar conta de uma análise do discurso sobre a velhice, que tem sido colocada, hoje em dia, como um problema social.

3. ESTUDOS LINGÜÍSTICOS CRÍTICOS : uma orientação alternativa em Lingüística

O trabalho de Fairclough (1985,1989,1992...) procura identificar a significação da linguagem na produção, manutenção e mudança das relações sociais de poder. O seu programa de estudos também visa provocar uma transformação social através de um vir-a-ser consciente das formas sutis de dominação e opressão pela linguagem, uma vez que, segundo ele , a “consciência é o primeiro passo para a emancipação” (Fairclough 1989:1)

Em se tratando da análise do discurso jornalístico sobre a velhice é relevante a ênfase dada por Fairclough às apropriações do senso comum que estão implícitas nas convenções que usamos para interagir lingüisticamente.

Tais apropriações são ideologias, uma vez que elas são um meio de legitimar a existência das relações sociais e das diferenças de poder, através da recorrência do ordinário (cf. Fairclough 1989). O autor argumenta, assim que estando a ideologia, de forma geral, presente na linguagem, um dos maiores temas da ciência social moderna é a natureza ideológica da linguagem. Quem pretende, pois, pesquisar termos referentes à sociedade moderna, numa perspectiva das relações de poder, não pode ignorar a linguagem.

Vale salientar que, para Fairclough, sua análise crítica da linguagem inclui inclusive o seu próprio trabalho, uma vez que, para ele a investigação científica não escapa do comprometimento e da opinião dos investigadores (cf. Fairclough 1989).

3.1 O discurso numa perspectiva social da linguagem

Na introdução de sua obra “*Discourse and Social Change*”(1992), Fairclough afirma utilizar em seu programa de estudos, métodos de análise da linguagem desenvolvidos na Lingüística e em outros estudos da linguagem, do social e do político, para atingir ao que ele se propõe: o desenvolvimento de uma adequada teoria social da linguagem.³

Para esse intento, faz-se necessário entender o conceito de discurso nessa abordagem crítica. O termo, por ser largamente usado por vários teóricos e em várias disciplinas, pode provocar contradições em tais definições formuladas.

³ Fairclough vem mostrar que o estudo da linguagem tem sido isolado de outras ciências sociais e que dentro da própria lingüística é ainda o paradigma formalista e cognitivo que domina. Os estudos em Lingüística que pretendem desenvolver um trabalho mais voltado para o social, têm segundo Fairclough, alcançado um êxito limitado. Como por exemplo, ele se refere ao grupo de lingüistas na Bretânia que tem desenvolvido na década de 70 uma lingüística crítica, combinando as teorias e métodos da análise de texto da uma Lingüística sistêmica com teorias da ideologia e, o trabalho desenvolvido na França por Michel Pêcheux com sua análise do discurso que aproveita o estudo do lingüista Zellig Harris e da teoria marxista da ideologia, numa releitura de Althusser. A crítica de Fairclough é que, na primeira abordagem, o bom desenvolvimento das questões lingüísticas textuais contrastam com o pequeno espaço dedicado às discussões das concepções de ideologia e poder. Ao contrário, na segunda abordagem, temos uma sofisticada teoria social, enquanto que análise lingüística é bastante restrita. (cf. Fairclough;1992).

Em Lingüística, encontra-se a definição de discurso como amostra extensa do diálogo falado, em contraste com o texto escrito. No entanto, tal definição vem sendo ampliada, comumente, para referir-se a “discurso” como amostragem externa da linguagem escrita ou falada. Nesse sentido ‘discurso’ preserva a ênfase nos caracteres formais da linguagem, alargando-se para uma compreensão mais interativa da linguagem, em que é levado em conta o processo de produção e interpretação da fala e da escrita, bem como o contexto situacional de uso lingüístico. O texto seria, então, o produto desse processo. (cf. Fairclough;1992).

Outra concepção de discurso é a que considera os diferentes tipos de linguagem usados em diferentes situações sociais, como por exemplo, o discurso jornalístico que é o nosso caso em estudo.

Fairclough combina a noção de discurso nesse sentido de texto-interação de orientação lingüística com a concepção de discurso num sentido mais teórico-social presente no trabalho de Michel Foucault - *A Arqueologia do Saber* (1997) que estrutura áreas de conhecimento e prática social - e no trabalho de John B. Thompson (1990) _ cuja ênfase está nos particulares caminhos de uso da linguagem e outras formas simbólicas. Discurso, portanto, não apenas reflete ou representa as relações e as entidades sociais, ele constrói e constitui tais entidades e relações, constituindo assim, os sujeitos sociais (cf. Fairclough; 1992).

A análise crítica do discurso de Fairclough apresenta-se, pois, num modelo tridimensional. Ele diz: “um evento discursivo é visto como sendo simultaneamente um

pedaço de texto, uma instância de prática discursiva e uma instância de prática social”(Fairclough; 1992:4).

Aqui, devemos distinguir três aspectos da construção de efeitos do discurso. Em primeiro lugar que o discurso contribui para constituir as “identidades sociais” e os sujeitos_ tidos como uma posição, um efeito do discurso.

Em segundo lugar, as relações sociais são construídas no e pelo discurso. E terceiro, que o discurso contribui para a construção de sistemas de conhecimentos e crenças. A esse respeito, vejamos as manchetes:

1. Um mundo mais grisalho

Proporção de idosos vai superar a de jovens no mundo em 2050 . (*Folha de S.Paulo*;20/09/1999: caderno especial :3)

2. Último asilo

Os internos desses abrigos, particulares ou filantrópicos passam o tempo de forma superficial (*Folha de S. Paulo*; 20/09/1999: caderno especial: 12)

Aqui, percebe-se, ainda que de forma superficial, que o discurso da imprensa vem reproduzir sentidos para a velhice, considerando-a como uma categoria antropológica, ao supor o envelhecimento físico ou a idade legal com uma delimitação de grupos sociais estabelecida em posição-sujeito para uma população de mais idade que passa a ser designada socialmente como velhos - que ao mesmo tempo em que é

considerada por mecanismos de classificação (idade cronológica, condições físicas e mentais) e separação, também passa a ser negada a partir do fato de que é tomado como objeto de atenção por parte de profissionais como demógrafos, gerontólogos, psicólogos, enfim os “experts”. A utilização da expressão *proporção de idosos* (texto 1) e da nominalização *os internos* nos permite questionar que critérios se usa para classificar e separar seres humanos; afinal de contas, os *internos* quem são?

As relações sociais serão estabelecidas na base do discurso dos que têm competência para falar do velho - que assume a posição de pacientes, vítimas sociais. A partir dos recortes das categorias de idade, que aqui naturalizam a ideologia de que a velhice é algo biológico e universal, o termo “grisalho” (texto 1) indica a associação direta da velhice com o aspecto físico biológico, apresentando aspectos relativamente culturais como universais, característicos da natureza humana.

Em “um mundo mais grisalho” - a metonímia dá uma pista para identificar uma das proposições implícitas (cf. Fairclough;1985) no discurso da *Folha de S.Paulo* sobre a velhice: “a velhice é uma categoria natural”.

A esse respeito, a antropóloga Guita Grin Debert diz que “cada cultura tende a elaborar grades de idades específicas. A pesquisa antropológica demonstra, assim, que a idade não é um dado da natureza, não é um princípio naturalmente constitutivo de grupos sociais, nem um fator explicativo dos comportamentos humanos. Essa demonstração exige um rompimento com os pressupostos da psicologia do desenvolvimento que concebe o curso da vida como uma seqüência unilinear de etapas evolutivas em que cada etapa, apesar das particularidades sociais e culturais, seriam

estágios pelos quais todos os indivíduos passam e, portanto, teriam um caráter universal” (Debert; 1998:9).

Uma outra proposição implícita que analiso numa perspectiva crítica é a que apresenta a velhice como um problema social, a partir da apresentação de dados alarmantes do crescimento da população de mais idade (o que veremos mais detidamente na transcrição de artigos jornalísticos na terceira parte deste trabalho).

O terceiro aspecto referente aos efeitos de sentido que apontam para a construção de um sistema de conhecimentos e crenças, faz com que compreendamos que a constituição da velhice como um problema social se dá através da linguagem, por meio de discursos dominantes que conquistam a atenção pública, tornando visível uma situação particular para legitimá-lo, no esforço de promovê-lo e inseri-lo nos campos das preocupações da atualidade. Perceber tais construções discursivas como formas de pressão e expressão que ocultam “o jogo de redefinição dos poderes ligados a grupos sociais em diferentes momentos dos ciclos da vida” (Debert; 1998:11), mostram a necessidade de considerar o discurso jornalístico sobre a velhice como uma prática discursiva .

A prática discursiva é constitutiva dos aspectos arbitrários e criativos, na medida em que contribuem para a reprodução da sociedade e para a transformação social (cf. Fairclough 1992). Por isso é importante que a relação entre discurso e estrutura social seja dialética, levando em conta as determinações sociais do discurso e a construção do social no discurso. A perspectiva dialética, de acordo com Fairclough, diferentemente da concepção de prática discursiva em termos de um modelo mecanicista

que vê o evento discursivo como uma mera instância das estruturas discursivas, vê a prática e o evento discursivo como contraditórios e conflitantes.

3.1.1 _ O discurso como texto

Uma abordagem crítica para a análise do discurso deve assumir que os *signos* são motivados em seu percurso sócio-histórico e que há razões sociais para combinar determinados significantes com determinados significados.

Saussure e outros lingüistas têm enfatizado a natureza arbitrária do signo, ou seja, para eles é imotivada a relação entre o significante e o significado. No questionamento, dessa visão saussureana, vale ressaltar o pensamento do Mikail Bakhtin, que em sua obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929) instaura uma discussão - que penso ser interessante para uma análise crítica do discurso na sua primeira dimensão - o texto, acerca da natureza ideológica do signo lingüístico.

Enquanto que na lingüística estrutural o sistema de signos deve ser abstraído da real matriz social que o produz, Bakhtin procura resgatar a versão de linguagem como atividade, como consciência prática a partir da ênfase na “criação ativa dos significados”. Para ele, a relação significado-significante é, por assim dizer, uma ação social, dependendo, portanto, de uma relação social. E argumenta: “a consciência toma forma e ser no material dos signos criados por um grupo organizado no processo do seu

intercâmbio social. A consciência individual é alimentada pelos signos; deles deriva o seu crescimento, ela lhes reflete a lógica e as leis” (Volosinov apud Williams; 1979:42).

A língua como sistema estável é, para ele, apenas uma abstração científica para fins teóricos e práticos específicos, sendo que esta abstração não pode dar conta da realidade concreta da língua. Segundo Bakhtin não se pode desprezar a história da língua, uma vez que esta constitui um processo de evolução ininterrupto que se realiza através da interação verbal-social dos locutores.

Quanto às leis específicas que regem a língua, afirma não serem de modo algum, como pensaram os idealistas, as mesmas da psicologia individual; são de fato específicas da língua, mas não são e não devem ser dissociadas da atividade dos falantes. As leis de evolução lingüística são essencialmente leis sociológicas. Afirma que: “a criatividade da língua não coincide com a criatividade artística, nem com qualquer outra atividade ideológica específica. Porém a criatividade da língua não pode ser compreendida independentemente dos conteúdos e dos valores ideológicos que a ela se ligam”. (Volosinov apud Seraine; 1994: 120)

M. Bakhtin aproveita o aspecto histórico fazendo uso de uma concepção ativa da vida social contemporânea para reavaliar o signo lingüístico, mostrando que, muito embora seja inevitavelmente arbitrária, a relação entre os elementos internos do signo não é uma relação fixa. Com respeito a esse pensamento de Bakhtin assim se refere R. Williams: “a fusão do elemento formal e do significado é o resultado de um processo real de desenvolvimento social, nas atividades reais da fala e no desenvolvimento contínuo de uma linguagem (...) Os ‘produtos’ comunicativos reais que constituem

signos usáveis são pelo contrário, evidências vivas de um processo social continuado, no qual as pessoas nascem e dentro do qual são formadas, mas para o qual também contribuem de forma ativa, no processo permanente” (Williams; 1979:43).

Podemos assim perceber que Bakhtin relaciona num único processo os aspectos “sistema” e “expressão” de teorias lingüísticas anteriores, mostrando-nos um conceito de linguagem social ativa, não como um “reflexo” ou “expressão” da realidade material. Assim chegamos a uma compreensão dessa realidade através da linguagem, que como consciência prática está “saturada por toda atividade social, e a satura, inclusive, a atividade produtiva”. A linguagem é, pois, para Bakhtin a articulação de uma experiência ativa e em transformação, uma presença social e dinâmica no mundo.

Outra questão que Bakhtin vem discernir é a que se relaciona com a especificidade do modo de articulação levantada pela lingüística estrutural. Concordando com essa especificidade vem acrescentar que o processo de articulação da linguagem é necessariamente também um processo material (socialmente criado). A escolha de determinados conjuntos fônicos para representar tais e quais significados é uma atividade material prática, e na verdade, um meio de produção. Bakhtin afirma que uma palavra só se torna “signo” quando participa da heterogeneidade viva da linguagem concreta, não passando de “sinal” na invariabilidade do sistema estruturalista.

Destarte, em se estudando o signo, deve-se levar em conta tanto a relação de sua estrutura interna (relação entre significante e significado) como as relações entre as pessoas que o utilizam, e na linguagem prática fazem dele um signo. Como signo lingüístico teríamos não só a união entre a imagem acústica e um conceito, mas uma

variabilidade entre esses elementos, internamente ativos que indicam além de uma estrutura interna, uma dinâmica interna também.

Fairclough (1992) refere-se a essa relação significante-significado em termos de vocabulário, cujo contraste entre as combinações desses dois elementos é socialmente motivada. Utilizando a distinção entre sentido potencial e sua interpretação, ele se refere ao texto como fruto de uma prática discursiva.

3.1.2 -Prática discursiva

Prática discursiva envolve processos de produção, distribuição e consumo de textos, e cuja natureza depende de diferentes tipos de discurso de acordo com fatores sociais (cf. Fairclough 1992). Demonstrando que os textos são produzidos de forma específica em contextos sociais específicos, Fairclough afirma também que os textos são “consumidos” em diferentes contextos sociais. Instituições, segundo ele, tem específicas rotinas para o processamento de textos, articulando textos com o extra-discursivo e com os tipos de discurso. O autor vem mostrar que os processos de produção e interpretação são socialmente constrangidos pela natureza específica da prática social.

Retornando a questão da *coerência*, Fairclough vai tratá-la como uma propriedade de interpretação. Para ele o estabelecimento de relações implícitas depende da natureza dos princípios de interpretação que se articulam com os tipos de discurso,

que nos permite ver importantes funções ideológicas de coerência na interpelação dos “sujeitos”.

Uma outra dimensão levantada por Fairclough para uma análise crítica do discurso é a questão da *intertextualidade*. Fairclough afirma que em termos de produção, uma perspectiva intertextual enfatiza a historicidade dos textos. Em termos de distribuição, ela ajuda a entender como um tipo de texto é substituído por outro e em termos de consumo a intertextualidade revela que não é apenas o texto, nem os textos constituídos em sua intertextualidade que fazem a interpretação, mas também os textos que os intérpretes trazem para o processo interpretativo. Por último, a análise de prática discursiva, de acordo com Fairclough envolve a combinação entre “micro-análises” e “macro-análises”. Segundo ele : “é a natureza da prática social que determina os macro-processos da prática discursiva, e o micro- processo que forma o texto” (Fairclough, 1992:86)

3.1.3- O discurso como uma prática social

Na introdução deste trabalho me referi ao programa “Estudos Críticos da Linguagem” como uma orientação alternativa para o desenvolvimento da concepção de linguagem como prática social determinada por estruturas sociais.

É claro que não basta detectar as aporias que sustentam o discurso jornalístico sobre a velhice. É necessário, também, perceber este discurso como uma ordem que se articula com sistemas sócio-econômicos e que atravessado por ideologias, pode ser apropriado politicamente.

Pêcheux (1983) já referia às interpretações sem margens como questão de ética e política: uma questão de responsabilidade. No que diz respeito ao discurso da mídia sobre a velhice como uma interpretação de teorias do envelhecimento, não se pode deixar de ver esse discurso como uma prática discursiva que se presta a diversas políticas por seu próprio processo histórico de constituição.

O trabalho de Norman Fairclough (1989) desenvolvido num programa de estudos lingüísticos “críticos” será útil para perceber os efeitos inscritos no seu processo de produção / reprodução / transformação de conceitos, objetos e temas vários.

Fairclough se alia à tendência que vê a linguagem como parte da sociedade e não algo externo a ela. A linguagem para ele é um processo social e um processo socialmente condicionado por outros fatores sociais não-lingüísticos. A relação entre linguagem e sociedade é, portanto, interna e dialética.

Para Fairclough, os fenômenos sociais são lingüísticos no sentido em que a linguagem como atividade está presente em vários contextos sociais, ela não é meramente um reflexo ou expressão de processos e práticas sociais, mas uma parte daqueles processos e práticas. As disputas políticas, por exemplo, são conflitos que ocorrem na linguagem e sobre a linguagem.

Como vimos nessa orientação teórica, o termo “discurso” é usado como um processo de interação social do qual o texto é uma parte. Esse processo inclui ao texto, o processo de produção e processos de interpretação. Os recursos cognitivos apontados pela ciência cognitiva e mesmo pela lingüística textual como essenciais para a compreensão dos textos, são também socialmente determinados, o que focaliza a linguagem como discurso e como prática social.

Os termos “discurso” e “prática” parecem indicar uma instância individual, mas essa instância de ação sempre implica tipos convencionais de discursos e práticas - ou seja pré-condições para ação por parte de indivíduos. Assim, as pessoas são tidas como capazes de agir individualmente, na condição em que elas agem constrangidas por tipos de práticas - ou por tipos de discurso.

Fairclough (1985,1989) toma como empréstimo o conceito de ordem do discurso e vai operacioná-lo com a noção de ordem social. Ele usa o termo ordem social referindo-se a estruturação de um espaço social, dentro de vários tipos de prática. Uma ordem do discurso seria uma ordem social vista numa perspectiva discursiva.

A ordem do discurso na sociedade como um todo, estrutura as diversas ordens de discursos de várias instituições sociais. Somente a partir das relações de poder, pode-se compreender como os discursos são estruturados numa determinada ordem do discurso. Fairclough define poder como a capacidade de controlar ordens do discurso mostrando que um dos aspectos de tal controle é ideológico.

Observa-se que Fairclough (1992) promove um deslocamento no uso das noções próprias da análise do discurso francesa (AD) como *formação discursiva* e

interdiscurso. Ele utiliza tais conceitos a partir de Pêcheux (1982) que considera formação discursiva como aquilo que pode e deve ser dito determinado por uma particular posição, em uma dada conjuntura histórica. Fairclough considera o interdiscurso como uma “complexa configuração de formações discursivas interdependentes”. No entanto, ele substitui o termo ‘interdiscurso’ pelo termo foucaultiano *ordem do discurso* e usa o termo *elemento* ao invés de “formação discursiva” para as partes de uma ordem do discurso.

4. A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO EM PRÁTICA:

4.1 Os procedimentos metodológicos

Este trabalho se propõe a estudar a prática discursiva do jornal *Folha de S. Paulo* (1990 – 1999) para compreender como os sentidos sobre a velhice são instaurados a partir da naturalização de ideologias.

Com esse objetivo, utilizei a análise crítica do discurso elaborada por Norman Fairclough (1992) em seu caráter multidimensional, levando em conta, portanto, o texto, a prática discursiva e a prática social.

Escolhendo o discurso jornalístico pela sua “característica de atuar na institucionalização social de sentido” (Mariani, 1996:63) procurei efetuar uma análise cujos procedimentos metodológicos seguiram os seguintes passos.

1°) Foi realizado um levantamento dos artigos publicados pelo jornal *Folha de S. Paulo* entre janeiro de 1990 a setembro de 1999, sendo consultado o arquivo do jornal em questão e encontradas 96 matérias referentes à velhice, assim distribuídas: de 1990 a 1994 - 18 matérias; de 1995 a 1999 - 73 matérias (vale notar que somente no primeiro semestre de 1999 foram encontradas 56 matérias).

Apesar da análise ser qualitativa e não quantitativa, esse levantamento de matérias me permitiu comprovar o recente interesse político, social e acadêmico por temas referentes à velhice, um interesse refletido na imprensa.

2°) No segundo momento, as matérias foram agrupadas para a constituição do corpus ampliado a partir de alguns dos aspectos apontados por Papaléo (1996) em seu estudo sobre a velhice:

- (i) aspectos biológicos, fisiológicos e psicológicos;
- (ii) aspectos antropológico, legais e sociais;
- (iii) aspectos sobre políticas públicas e assistência em saúde;
- (iv) aspectos econômicos.

Tal divisão não é rigorosa, na medida em que esses aspectos se confundem uns com os outros nos textos selecionados, de forma conflitante e contraditória. Ela, no

entanto, permitiu a organização de um segundo “corpus” que foi selecionado a partir das categorias de análise, na medida em que eram feitas as reflexões teóricas.

3º) Organizado o corpus restrito, efetuei a análise crítica do discurso em duas fases a partir do modelo tridimensional sugerido por Fairclough: texto, prática discursiva e prática social. À medida que fui realizando a análise do textos (fase descritiva), também analisei as práticas discursiva e social (fase interpretativa).

No primeiro estágio, escolhi trabalhar o vocabulário utilizado para designar a velhice, em termos de sinonímia, hiponímia e antonímia, respondendo a seguinte questão elaborada por Fairclough (1989): quais são as relações de sentido entre palavras significadas ideologicamente? As categorias de análise escolhidas foram as seguintes:

- DESIGNAÇÕES
- RELAÇÕES DE SENTIDO_ sinonímia ,hiponímia,antonímia
- RELAÇÕES DE INTERTEXTUALIDADE_ manifesta e constitutiva

4.2 .Formulação da hipótese

Na história das sociedades, a velhice sempre foi associada à idéia de declínio. Tal idéia aparece ora associada a um pessimismo realista, ora a um pessimismo idealista. Em vários períodos da história e em vários setores da sociedade ela aparece, portanto, como extremamente desfavorecida. Tanto entre nobres, quanto entre os camponeses, a força física prevalecia, os fracos não tinham lugar (cf. Beauvoir,1990).

Em sua obra *Memória e Sociedade: lembrança de velhos* (1987), Ecléa Bosi refere-se à sociedade industrial como maléfica à velhice uma vez que, a divisão de classes, criando uma série de rupturas nas relações entre os homens e nas relações dos homens com a natureza, arranca todo o sentimento de continuidade do nosso trabalho. Constatando a opressão da velhice na sociedade contemporânea, a análise de Bosi vai sendo delineada a partir da denúncia à associação da velhice com a idéia de ineficiência, incompetência. Perdendo a força de trabalho o velho já não é produtor nem reproduzidor. Não participa da produção, não faz nada: deve ser tutelado como menor. Para Ecléa Bosi tais idéias são absorvidas da classe dominante na sociedade capitalista: “*Quando se vive o primado da mercadoria sobre o homem, a idade engendra desvalorização*”.

A partir dos últimos 30 anos, a imprensa começa a publicar matérias construindo enunciados que denunciam determinadas questões (de ordem demográfica, fisiológica, psicológica, econômica, etc.) referentes a velhice, para construí-la discursivamente como um problema social. Vejamos o fragmento de matéria abaixo:

3.Mais velhos

O Brasil tem 13,5 milhões de idosos (8,65% da população); em 2050, terá 56 milhões (24% da população prevista). Em busca de uma velhice melhor, pessoas com mais de 60 anos enfrentam preconceito, solidão e falta de perspectiva. (F.S.P,26/ 09/1999)

Ora, se a velhice se torna um problema é preciso nomear “pessoas competentes” para tratar desse problema, ou melhor, para ensinar o velho a tratar de si mesmo, de modo a aprender a sustentar-se em meio a sociedade capitalista selvagem que o silencia, o segrega e o marginaliza. Surgem ,então, os gerontólogos e a Gerontologia . A esse respeito, diz Debert : “diferentemente de outras categorias, os velhos não dispõem de meios sociais nem de instrumentos de acesso a expressão pública. Os representantes que se colocam como porta-vozes das pessoas idosas são, atualmente, ‘experts’, cuja competência é oficialmente reconhecida pela referência a uma especialidade científica, a Gerontologia” (Debert;1998:23).

O discurso da imprensa situado em uma ordem do discurso, relaciona-se dialogicamente com o discurso da gerontologia para legitimá-lo, construindo a imagem do velho como vítima e nomeando as posições de sujeito indicadas para reintegrá-lo e ajudá-lo a resgatar sua função social. Essa relação dialógica vai deslocando os sentidos de velhice como doença e declínio para o sentido de velhice como fase de realização pessoal.

O discurso da *Folha de S. Paulo*, como um discurso institucional, direciona esse deslocamento de sentidos da velhice, que passa cada vez mais a assumir o sentido de rejuvenescimento. Esse deslocamento desvia a responsabilidade do Estado pelo idoso para jogá-la sobre o próprio idoso, ou seja, num quadro de mudanças neoliberais em que o Estado se torna cada vez mais parco em todos os gastos sociais, é instituído um discurso de *privatização* da velhice, em matérias que explicitam o culto ao corpo, a partir de cuidados de preventivos com a saúde, o estímulo para a reinserção do velho no mercado de trabalho como público alvo de publicidade, a mudança na idade estipulada para aposentadoria, as universidades da terceira idade, etc.

Portanto, o sentido para a velhice direcionado por elementos de uma ordem do discurso que a associam ao declínio e a incompetência vai ser substituído por sentidos construídos a partir de um discurso neoliberal, que torna a velhice sinônimo de poder, de rejuvenescimento e competência. Como podemos ver no trecho abaixo:

4. Idade não é páreo para os executivos

Qual é o melhor momento para se aposentar? Dependendo da empresa, essa pergunta tem uma resposta diferente. Na Xerox, por exemplo, é quando o executivo completa 60 anos. A IBM e a Autolatina, por sua vez, também têm programas com esse sentido. Porém, ao invés de vestirem o pijama e o chinelo, é cada vez mais comum os executivos que se “aposentam” não pararem. Enquanto para as empresas eles chegaram na reta final, esse grupo tem provado que sua disposição está apenas no começo. Experientes, na faixa dos 50 a 60 anos, esses executivos aproveitam o seu know-how para montar seu próprio negócio ou ir trabalhar em outra empresa. Por ironia, em geral as agendas ficam ainda mais sobrecarregadas. (F. S. P. 03/01/1990)

O deslocamento de sentidos para a velhice vai ser percebido também no vocabulário utilizado pela imprensa, que exclui as designações *velhos* e *velhice*, ao substituí-las por outras designações que funcionam como eufemismo, silenciando aspectos negativos relacionados à velhice. A esse respeito, justifica-se o próprio jornal, pela escolha do vocabulário, com o surgimento do termo *terceira idade*:

5. A própria palavra “velho” é um estigma para quem estar por aqui depois dos 65 e passando muito bem. (F. S. P. Especial.26/09/1999)

Ao mesmo tempo em que se coloca num lugar de significação, que dá voz ao discurso de autoridade dos gerontólogos, o discurso jornalístico sobre a velhice mantém a defesa dos idosos mais fragilizados, sem contudo deixar de situá-los numa posição de menosprezo diante dos que representam essa fase da vida como seres ativos, participantes, felizes por usufruírem de um momento próprio para a realização pessoal.

A partir dessas considerações, tento delinear minha hipótese de que no discurso jornalístico da Folha de S. Paulo, a utilização de designações apresentadas como sinônimos para *velho* e *velhice* provoca uma migração de sentidos, esvaziando (em termos de sinonímia lexical) as propriedades que marcavam o sentido histórico negativo da velhice como declínio, incapacidade, sofrimento. A utilização de termos como sinônimos na prática discursiva da Folha vem provocar um novo sentido para os

referentes velho e velhice que seria o sentido da não- velhice, ou seja, a negação das propriedades lexicais que marcavam os seus sentidos anteriores.

Posso concluir que nesse processo migratório de sentidos⁴, que se dá através da operacionalização de ideologias, os termos (como terceira idade e pessoas de terceira idade, por exemplo) que representariam sinônimos e hipônimos para *velhice* e *velho* se constituem, segundo minha hipótese, em antônimos desses termos, o que exige uma revisão crítica das próprias categorias de análise da semântica estrutural.

⁴ O conceito de migração de sentidos foi elaborado pela analista do discurso Eni Orlandi e se encontra presente na maior parte de seus trabalhos .

SEGUNDA PARTE:

A PRÁTICA JORNALÍSTICA COMO PRÁTICA DISCURSIVA

5. A IMPRENSA ENQUANTO INSTITUIÇÃO SOCIAL

No início deste trabalho, já me referi ao discurso do jornal *A Folha de São Paulo* como um discurso institucional. Esta seção abrirá a discussão acerca da prática discursiva da imprensa com o intuito de, na medida em que se propõe uma análise do discurso jornalístico, refletir sobre o processo de discursivização da própria instituição jornalística .

Vale ressaltar a esse respeito, o trabalho de Bethania Mariani (1999) que estuda o processo histórico e jurídico da formação do discurso jornalístico brasileiro chamando a atenção para a heterogeneidade constitutiva dos discursos institucionais. Segundo ela “a compreensão do funcionamento de um discurso institucional não permanece restrita a uma correlação mecânica entre o que se diz e um lugar institucional correspondente, nem a uma concepção fixista da instituição, impedindo uma leitura crítica da sua forma de existência histórica” (Mariani ,1999:49).

Nesta perspectiva, um discurso institucional passa a existir a partir da historicidade que o constitui e essa historicidade pode ser vista como resultante de processos discursivos que legitimaram e deram sentido às instituições. Ou melhor “o que chamamos de instituições é fruto de longos processos históricos durante os quais ocorre a sedimentação de determinados sentidos concomitantemente à legitimação de práticas ou condutas sociais. São práticas discursivas que se legitimaram e institucionalizaram, ao mesmo tempo em que organizaram direções de sentidos e formas de agir no todo social” (Mariani, 1999:51) .

No que diz respeito ao processo histórico de formação da imprensa, Thompson vem mostrar que o desenvolvimento inicial da imprensa e das publicações sempre esteve interligado com o exercício do poder político. As autoridades responsáveis pelos aparatos administrativos dos estados-nações emergentes restringiam ou suprimiam a publicação de material supostamente herético ou perigoso. A censura, que já funcionava na Idade Média como atividade irregular dos copistas, passa a ser regulamentada com o advento da imprensa tornando-se sistemática e secular (cf.Thompson,1995).

Assim, o desenvolvimento da imprensa nos séculos XVII, XVIII e XIX foi marcado pelo controle por parte das autoridades do Estado assumido através da censura aberta, do estabelecimento de impostos e subsídios vários. Nesse contexto, surge a luta pela liberdade de imprensa, juntamente com o nascer do pensamento democrático liberal, que se proponha a combater o poder repressivo do Estado.

Inúmeros pensadores liberais como John Stuart Mill vão defender uma imprensa livre e independente. A esse respeito relata Thompson (1995: 324) :

“Embora os pontos de vista dos liberais ingleses diferissem sob vários aspectos, eles, geralmente, estavam concordes na visão de que uma imprensa livre e independente era uma salvaguarda vital contra o uso despótico do poder do estado. Uma imprensa livre e independente desempenharia o papel de um vigilante crítico: não apenas articularia uma diversidade de opiniões e, com isto, enriqueceria a esfera do conhecimento e do debate, mais também exporia e criticaria as atividades aqueles que governa e os princípios nos quais baseiam sua decisões”.

Foi a partir dessa luta que no curso dos séculos XVIII e XIX, foi incorporado nas constituições de muitos países o princípio da expressão livre dos pensamentos e opiniões a partir do qual “os indivíduos teriam um direito de expressar suas opiniões numa imprensa livre e independente, sujeita, apenas às exigências, que variavam historicamente e de um contexto nacional a outro, de que o que era escrito não fosse blasfemo, sedicioso, obsceno, difamatório ou, de maneira geral, caluniador, sendo que essas exigências não deveriam ser aplicadas de antemão na forma de censura ou de controle do estado, mas apenas retroativamente, exigindo das pessoas acusadas desse crime que fossem responsabilizadas numa corte da justiça” (idem).

Assim, a imprensa enquanto instituição será constituída das leis que instituem sua liberdade mas que funcionam como controle regulador da própria liberdade que defende. O discurso jornalístico vai funcionar a partir dessas sanções e portanto como mantenedor das “relações sociais jurídico-políticas” através da circulação de determinadas informações.

É desse modo que o discurso jornalístico produz em sua prática discursiva a ilusão da neutralidade e da verdade na idéia de que o jornal é imparcial pois nele “os fatos falam por si ” (cf. Mariani, 1999).

No entanto, não apenas a historicidade que silenciada emerge para desmitificar a objetividade do discurso jornalístico ameaça o sonho da imparcialidade na prática discursiva da imprensa. Também se pode perceber que o aumento desenfreado das indústrias da mídia transformou-as no século XX “em organizações econômicas de grande escala, dirigidas para a produção e difusão da circulação em massa de bens simbólicos, e foram, cada vez mais, integrando-se em conglomerados de comunicações transnacionais diversificados ”(Thompson 1999: 327).

Desse modo, podemos entender que muito embora veja-se atualmente a independência das instituições jornalísticas diante do estado_ o que caracteriza a democracia _ essa independência e, sua conseqüente imparcialidade, vê-se ameaçada pelo processo altamente competitivo e crescentemente global de acumulação do capital, um processo que resultou num declínio constante no número de jornais e numa concentração de recursos nas mãos de grandes empresários da multimídia.

Portanto, essas relações econômicas, relações de dependências causadas pelo crescimento desenfreado das organizações da mídia no campo privado, funcionam de modo a reger o discurso jornalístico mantendo determinadas ordens de discurso e, por conseguinte, determinadas ordens sociais .

Por essa linha de raciocínio, podemos considerar a neutralidade e a objetividade jornalísticas como efeito de sentido que escondem os controles externo e interno da prática jornalística.

Vale ressaltar, no que diz respeito à questão da informatividade jornalística, as normas técnicas de redação presentes nos manuais de jornalismo que enfatizam a escolha precisa do léxico, eximindo-se de qualquer tendência à subjetividade. Conforme Mariani (1999:52) “é interessante notar que escrito por profissionais de imprensa ou por teóricas da comunicação, essas normas técnicas de comunicação constroem o mito da informação jornalística com base em outro mito: o da comunicação lingüística. Responsabilizando o jornalista pelo relato mais ou menos fidedigno dos fatos, nesses manuais o que se está enfatizando é o “poder dizer”, uma onipotência do sujeito com relação à linguagem. Informar e opinar, desse ponto de vista dicotomizado, resultam da capacidade (ou interesse) do responsável pela notícia em manipular a linguagem.”

Desse modo, a concepção de linguagem predominante no discurso jornalístico é a da linguagem como instrumento de comunicação construindo visão de um sujeito logocêntrico, um sujeito senhor de si mesmo e autor de suas falas.

6. PRÁTICA DISCURSIVA E INTERTEXTUALIDADE

A intertextualidade é apontada por Fairclough (1992) como propriedade fundamental para a compreensão da prática discursiva. Muito embora o termo não seja bakhtiniano, a abordagem intertextual proposta por Fairclough é desenvolvida a partir do seu trabalho⁵

Bakhtin, conforme Fairclough (1992), denuncia a relativa negligência da “Linguística propriamente dita” para com as vias teóricas que consideram os textos e as expressões como sendo formados por textos anteriores para os quais estes são respostas e textos posteriores que eles antecipam. Tais vias inauguram o espaço para a discussão de caráter dialógico do discurso.

Para Bakhtin, o nosso discurso está sempre impregnado das vozes que o constituíram e sempre interagindo com outros discursos que se ligam e se relacionam de algum modo com ele, de forma explícita ou implícita. E afirma que:

“ a experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro. É uma experiência que se pode, em certa medida, definir como um processo de assimilação, mais ou menos criativo, das palavras do outro (e não das palavras da língua). Nossa fala, isto é, nossos enunciados (que incluem as obras literárias), está repleta de palavras dos outros, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação,

⁵ Conforme Fairclough (1992) o termo “intertextualidade foi criado por Kristeva (1960) a partir da influência teórica do trabalho de Bakhtin.

caracterizadas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos ” (Bakhtin, 1979 : 313)

Bakhtin, portanto, apresenta o dialogismo como uma condição de existência de todo discurso. Ao mesmo tempo em que toda expressão é carregada pelos textos dos quais ela participou, da mesma forma um discurso ecoa outros tantos discursos anteriores e posteriores a ele. Ou melhor, “o discurso vivo e corrente está imediatamente determinado pelo discurso – resposta futuro : ele provoca esta resposta, pressente-a e baseia-se nela. Ao se constituir na atmosfera do “já dito”, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado” (Bakhtin 1975 : 89).

É por essa “responsabilidade” à necessidade linguageira de obter um eco lingüístico, de responder ao discurso do outro e obter resposta ao seu que Bakhtin estabelece o dialogismo. Em a “Estética da criação verbal ele afirma (1979 : 358):

“Vivo no universo das palavras do outro. E toda a minha vida consiste em conduzir-me nesse universo, em reagir às palavras do outro (as reações podem variar infinitamente), a começar pela minha assimilação delas (durante o andamento do processo original da fala), para terminar pela assimilação das riquezas da cultura humana (verbal ou outra). A palavra do outro impõe ao homem a tarefa de compreender esta palavra (tarefa esta que não existe quando se trata da palavra própria, ou então existe numa acepção muito diferente)”.

Nessa orientação, Fairclough desdobra conceitualmente o dialogismo para a questão da intertextualidade: os textos “são inerentemente intertextuais, constituídos por elementos de outros textos” (Fairclough 1992 : 102).

Mesmo sendo o dialogismo, conforme vimos em Bakhtin, a condição fundamental da linguagem e do discurso a partir das estratégias discursivas acionadas os textos podem deixar perceber as muitas vozes que o constitui como escondê-las, sob a aparência do discurso único. A partir de observações de trabalho de Kristeva (1986) Fairclough vai definir as dimensões da intertextualidade levando em conta como os textos explicitam ou não o seu caráter dialógico.

Os textos em que os diálogos entre os discursos se deixam entrever e as outras vozes sociais se fazem presentes na superfície textual estariam na dimensão horizontal da intertextualidade. Já os textos em que o discurso do outro não está explicitado na superfície textual – muito embora se relacionem com outros textos estabelecendo elos com aqueles na cadeia dialógica das relações sócio-históricas – são situados na dimensão vertical da intertextualidade.

Desse modo, Fairclough distingue *intertextualidade manifestada*, em que outros textos são explicitamente presentes no texto analisado, através de marcas na superfície textual, de um outro tipo de intertextualidade para o qual ele usará o termo *interdiscursividade*. Por interdiscursividade Fairclough quer referir-se a intertextualidade constitutiva que ocorre quando um texto incorpora um outro texto, através de estratégias discursivas, como por exemplo a reformulação, produzindo um discurso em resposta a outro discurso.

A intertextualidade, portanto, está vinculada à heterogeneidade que é constituída por esse duplo dialogismo presente nas relações intertextuais.

Apresento o artigo abaixo, para percebermos como ocorre a articulação dialógica em meio às relações intertextuais:

6. Grisalhos Turbinados

Idosos descobrem a vida depois dos 50 e fazem passeios, cursos e até viram manequins.

“Professor, nós não vamos aprender a cantar aquela música da Madonna hoje ?” a reclamação vem de Yvone Leite Penna, que junto com Dulce Pizoli, Aurora Junqueira, Bemvinda Motta, Inês Procopiuk e Lourdes de Carvalho Castro – todas “na faixa dos 60 anos” -, é aluna de uma turma especial de inglês para a terceira idade.

Mesmo estando naquele estágio da vida em que muitas senhoras nem pensam em sair de casa, elas fazem parte de um grupo que, após os 50 anos, resolveram estudar – ou nadar,dançar, cantar e até virar modelo – sem se importar com as eventuais dificuldades que isso possa apresentar.

Dulce resume: “Estamos aqui por prazer. Nessa idade, a gente tem o direito de fazer o que quiser.”

No curso de inglês, elas confessam sentir dificuldades. Inês, que trabalha como voluntária em uma creche, tem filhos morando na Austrália. Quando telefona para eles, só consegue dizer “Hello”.

Aurora, que tem filhos nos Estados Unidos, dá uma receita divertida para vencer a barreira: “Eu vi na televisão que, colocando os cadernos por um tempinho no microondas, eles liberam energias que facilitam o aprendizado”.

Yvone retruca, com bom humor: “No nosso caso, acho melhor colocar logo a cabeça no micro! “

Elas reclamam, mas, até agora , ninguém pensa em abandonar o curso, que já dura três semestres.

Diversão e Arte

Terezinha Domingues, 68, coordena um curso de atualização, no qual 35 mulheres com idades entre 40 e 80 anos estudam literatura, psicologia, história universal, história da arte e fazem dinâmicas de grupo. Elas se reúnem todas as quintas-feiras no estúdio de um dos professores. Quando o mês tem mais de quatro quintas-feiras, elas agendam palestras com convidados sobre assuntos diversos.

“Nossa finalidade é estarmos conscientes do que está acontecendo no mundo”, explica.

“Podemos chegar a uma reunião, jantar e comentar um filme que vimos ou um livro que lemos, ou, pelo menos, saber ficar caladas para não dizer bobagem.” Para Terezinha , nada pode ser mais triste do que “aquelas senhoras que passam o tempo todo falando dos netos, da empregada ou da novela que está passando”. Terezinha , no entanto, diz compreender essa “falta” de assunto: “Mulher no meu tempo casava para ser dona-de-casa, constituir família, cuidar dos filhos e atender o marido. No final do dia, era impossível Ter vontade de ler. O que você queria mais era cama”. Outra coisa que Terezinha acha “triste” é começar qualquer frase com a expressão “No meu tempo...”. “O meu tempo é agora , já que continuo vivendo e participando de tudo o que acontece ao meu redor”, diz.

Trabalho em grupo

Continuar vivendo significa mais do que tudo se sentir produtivo, seja tendo aulas de literatura, aprendendo a pintar ou fazendo alguma atividade física – de preferência, em grupo.

As donas-de-casa Clara Godoy e Wally Mantoanelli fazem ioga há um mês no espaço Vila das Artes, criado pelas psicólogas Amarilis Velloso

Maradei e Arlene Dib Leardi para atender pessoas com mais de 40 anos com vários tipos de cursos.

Mais do que pela atividade física, Clara e Wally dizem se sentir felizes por estarem em contato com pessoas da sua faixa etária. “Às vezes passo várias horas aqui, lendo, conversando e comendo um lanchinho. Desde que comecei, noto que estou bem mais animada”, conta Wally.

Amarilis e Arléne dizem Ter criado o espaço logo após terem feito um curso de gerontologia, exatamente para isso: “Queremos que essas pessoas se divirtam, principalmente junto de outras da mesma faixa etária. São pessoas que já viveram bastante e sabem o que é bom. São exigentes e não é fácil enganá-las”, conta Arléne.

Aracy Rizzo e Eneida Farias Peres, também donas-de-casa, começaram em outubro a fazer dança de salão. As duas falam com muita animação da nova atividade: “Criamos uma alma nova, deixamos de ser tão paradas”, diz Eneida.

Aracy conta que, no último casamento em que foi, ela e o marido chamaram a atenção dos convidados dançando juntos: “Fizemos sucesso”, diz. Eneida brinca: “O lema do nosso professor é - água mole em pedra dura tanto bate até que fura-. Acho que esse é o nosso lema também”.

Já a pintora Dilza Lebre Rodrigues, 52 anos “bem vividos”, entrou em março para a era da informática. Interessada no que as novas tecnologia possam trazer à sua profissão, começou a estudar Windows 95 e está adorando. “Não saber mexer em um computador hoje em dia é a mesma coisa que não saber ler. E eu adoro ler”, conta. As filhas, que ainda moram com ela, a estimulam e se sentem orgulhosas. “Até ganhei um CD-Rom sobre museus, de presente”, comemora. Mais do que aproveitar as facilidades da modernidade, Dilza acredita que esse é o caminho para se entender com os mais jovens: “ Não dá para ficar agarrada a conceitos ultrapassados. Os jovens de hoje fazem quase tudo por meio do computador , e eu quero compreendê-los”.

Sílvia Taliba Davy, 35, ensina há um ano informática apenas para essa faixa etária e se diz impressionada com o ritmo das aulas. “Eles estão aqui

porque querem, porque têm vontade de aprender. É bem diferente de dar aulas para adolescentes, que só fazem o curso porque os pais mandaram.”

Meninas

“Aqui, quem está falando é uma das meninas.” As irmãs gêmeas Jacy e Iracy Pasqualino, 69, contam que muitas pessoas que ligaram para sua casa riram ao ouvir essa mensagem na secretária eletrônica. As duas, que fazem parte do grupo de modelos de terceira idade formados por Jayr e Marisa Silva Carvalho, Luís e Cecília Martins, Vanda Padovan, Margot Bisatto, Valquiria Jorge, José Inocêncio, Egídio Barbulho e Joanna Ticiani Leiria, realmente encaram a vida como meninas: estão sempre dispostas a rir, dançar e passear. “Uma vez, a Iracy foi viajar e eu dei uma entrevista. Só que me esqueci e disse minha verdadeira idade. Ela quis me matar”, conta. A idade não preocupa Joanna, a líder do grupo, que tem 72 anos. “Tenho orgulho de dizer que vivo há tanto tempo e continuo atuante. Minhas netas dizem que querem ser iguais a mim quando tiverem a minha idade”, afirma.

O grupo está junto há seis anos. Tudo começou com um curso de manequins para a terceira idade promovido pela Secretaria Estadual de Esporte e Turismo. Joanna, que sempre quis ser modelo, teve a oportunidade de realizar seu sonho: “Eu era magrinha, mas não tinha muita altura. Trabalhei a minha vida inteira com moda, no meu ateliê de alta costura, mas sempre quis desfilar”.

Durante o curso, que durou o ano inteiro, Joanna foi selecionando os colegas com quem mais se afinava para formar um grupo. Hoje, ela diz que eles são capazes de entender apenas com um olhar. “O bonito é que trabalhamos como irmãos, não temos rivalidades.” Com vários desfiles no currículo, eles comemoram a nova profissão e garantem: “Tudo o que nós mostramos vende – e muito”.

A matéria “Grisalhos Turbinados” é um bom exemplo do que Fairclough (1992) chama de “discurso-representação”. O discurso-representação é uma das formas

de intertextualidade em que partes de outros textos são incorporados e explicitamente marcadas pelas formas que indicam o discurso relatado como as aspas, por exemplo.

Este tipo de discurso traz em si as representações do que as pessoas disseram. O artigo analisado já começa com discurso-representação direto: “Professor, nós não vamos aprender a cantar aquela música da Madonna hoje?”

O artigo é introduzido pelo discurso direto, trazendo a “voz” de uma aluna de uma turma especial de inglês para a terceira idade – o que dá a reportagem o tom de narrativa. A entrada do texto em um discurso representação direto sugere a própria entrada do leitor no espaço em que as pessoas estão sendo reportadas, ou seja, a entrada na cena proposta.

O texto, muito embora dividido em seções: *Diversão e Arte*; *Trabalho em grupo* e *Meninas* se transforma em uma única narrativa, resumida no fragmento: [Mesmo estando naquele estágio da vida, em que muitas senhoras nem pensam em sair de casa, elas fazem parte de um grupo que, após os 50 anos, resolveram estudar – ou nadar, dançar, cantar e até virar modelo - sem se importar com as eventuais dificuldades, que isso possa trazer]⁶.

O texto vai sendo construído pela seqüência das falas dos idosos que vão sendo demarcados através das “aspas”, e estes textos vão sendo costurados pela voz do autor numa estratégia em que a própria *intertextualidade manifestada* garante a coesão e a

⁶ Os fragmentos textuais analisados dentro do corpo do trabalho estarão entre colchetes ou destacados em itálico. Não usaremos aspas e parênteses (com algumas exceções) uma vez que essas marcas serão também objeto de análise.

coerência textuais. Observa-se que as muitas vozes dos idosos são representadas como uma única, através da utilização repetida da primeira pessoa do plural:

“Nossa finalidade é estarmos conscientes do que está acontecendo no mundo”

“No nosso caso, acho melhor colocar a cabeça no micro”

“Podemos chegar a uma reunião...”

“Criamos uma alma nova...”

“Fizemos sucesso.”

“Nosso lema...”

“Tudo o que nós mostramos vende – e muito” etc.

Mais do que mostrar a construção de uma identidade social a partir da idade compartilhada [... dizem se sentir felizes por estarem em contato com pessoas da sua faixa etária] essas vozes soam em uníssono representando um único discurso que apresenta a velhice , ou melhor, a terceira idade (o termo velhice não aparece no texto) como uma fase de realização pessoal: a fase ideal para realizar os antigos sonhos [Eu era magrinha, mas não tinha muita altura. Trabalhei a minha vida inteira com moda, no meu ateliê da alta costura , mas sempre quis desfilarmos].

A voz do jornalista que aparece sempre antes e depois das aspas figurando como narrador-comentarista se articula com as vozes dos idosos corroborando esse discurso, [Joanna, que sempre quis ser modelo, teve a oportunidade de realizar seu

sonho] e ainda: [Livre do compromisso com os filhos que já cresceram, ela resolveu investir em si mesma]. Vejamos ainda, como o jornalista apresenta o intertexto manifesto de Dulce: [Dulce resume: “Estamos aqui por prazer. Nessa idade, a gente pode fazer o que quiser].

A escolha do verbo “resume” em vez de “declara”, por exemplo, é bastante sugestiva, ele poderia ser substituído pela expressão – Dulce “diz tudo o que se deve ser dito”, e faz com que o locutor se posicione junto com as vozes das pessoas reportadas na cadeia dialógica.

No texto analisado, as vozes reportadas representam um discurso resposta (D2) para um outro discurso composto de vozes que não se apresentam de forma manifesta, mas que escondidas na superfície textual afloram para constituir os fios dialógicos vivos de que fala Bakhtin.

Esse outro discurso (D1) que gerou o discurso resposta, articula-se com as vozes que lhe são posteriores através de um tipo específico de intertextualidade, a *interdiscursividade*. O discurso origem é sugerido nos fragmentos textuais codificados abaixo:

- i. *Outra coisa que Terezinha acha “triste” é começar qualquer frase com a expressão “No meu tempo”.*
- ii. *Uma das mais importantes conquistas trazidas por essa reciclagem é deixar de depender do telefonema dos filhos.*

- iii. *Mais do que aproveitar as facilidades da modernidade, Dilza acredita que esse é o caminho para se entender com os mais jovens.*

A utilização da expressão “no meu tempo” nos textos não explícitos em que as pessoas de idades se referem à época da sua juventude, ou seja, o tempo em que podiam realizar determinados planos, divertir-se seria o discurso daquelas *senhoras que nem pensam em sair de casa* [mesmo estando naquele estágio da vida em que muitas senhoras nem pensam em sair de casa...] e consideram que a velhice deve ser a fase da incapacidade de realizar grandes tarefas, por isso voltam-se para a memória, para um tempo que se foi.

No segundo item, o verbo *deixar* é usado indicando a cessação de algo que vinha ocorrendo [deixar de depender...] que denota uma dependência anterior dos velhos aos seus filhos.

Desse modo, os fragmentos nos deixam entrever o discurso primeiro para o qual toda a matéria funciona como resposta. Esse discurso (D1) apresenta a velhice como uma fase de incapacidade, dependência e denuncia a segregação e o banimento, ou mesmo o silenciamento em seus lares de que os velhos seriam vítimas, num composto de vozes sociais que complementam e polemizam com outras vozes sociais no espaço das relações intertextuais.

É assim que para cada fragmento selecionado encontramos um fragmento-resposta explícito, uma voz em oposição ao discurso anterior.

- i. “O meu tempo é agora , já que continuo vivendo e participando de tudo o que acontece ao meu redor”.
- ii. “Cada um tem a sua vida, eu procuro ter a minha”.
- iii. “Não dá para ficar agarrada a conceitos ultrapassados”.

A análise dessa matéria, permite dizer que em termos de espaços intertextuais temos no texto as duas dimensões da intertextualidade. Primeiro, na dimensão horizontal temos a *intertextualidade manifestada*, através das vozes reportadas e demarcadas (pelas aspas, por exemplo). Segundo, na dimensão vertical uma *intertextualidade contitutiva* ou, como queira Fairclough, a *interdiscursividade*. Esta é sugerida pela referência às vozes não manifestadas intertextualmente, e não reproduzidas através de um discurso –representação, mas presentes através de elos discursivos estabelecidos na cadeia dialógica. No texto, observa-se a presença_ ainda que algumas vezes não explícita_ de um outro texto que é rebatido [Para Terezinha, nada pode ser mais triste do que aquelas senhoras que passam o tempo todo falando dos netos ,da empregada ou da novela que está passando].

Observa-se o uso das aspas para designar [aquelas senhoras...] marcando a heterogeneidade vinculada à intertextualidade discursiva. O emprego das aspas aqui pretende fornecer à designação [“aquelas senhoras que passam o dia todo falando dos netos, da empregada ou da novela que está passando”] um efeito de distanciamento mantido em outra expressão aspeada na seqüência textual [Essa “falta” de assunto...]

Esse efeito discursivo mostra que as expressões aspeadas pertencem ao discurso do outro para o qual o (D2) constrói uma resposta que parece ser: a sociedade e segrega os velhos por considerá-los improdutivos, dependentes, incapazes. Então, mesmo tendo uma idade avançada sejamos produtivos, independentes e capazes, ou seja, não ajamos como “ velhos”. E seremos amados e aceitos pelos outros. Vejamos os enunciados abaixo:

[“Tenho orgulho de dizer que vivo há tanto tempo e continuo atuando”]

[“Aqui quem está falando é uma das meninas”. (...) realmente encaram a vida como meninas:estão sempre dispostas a rir dançar e passear]

O uso da palavra “meninas” promete a idéia de rejuvenescimento na criação de uma imagem de si mesmo através de um processo de constituição de sentidos que elege a juventude como padrão, como um novo estilo de vida para quem está na “terceira idade”. Esse discurso a respeito de si mesmo é constituído de modo a destruir o discurso do outro. A esse respeito, recomenda Authier-Revuz (1999:11)

“Estudar as formas pelas quais um discurso coloca um exterior a si mesmo, e por conseguinte delimita um interior, é ter acesso à imagem que um discurso constrói de si mesmo. Concretamente, é especificar de *qual(is) outro(s)* um discurso escolheu distanciar-se, dando-lhe(s) lugar, mostrado, em si mesmo; e sobre que *modo* funciona a relação a este(s) outro(s) mostrado(s): tanto quantitativamente – desde discursos “saturados” de heterogeneidade mostrada até discursos tendencialmente monológicos

não dando lugar ao outro -, quanto qualitativamente – desde o jogo das “pequenas diferenças narcísicas” até afrontamentos visando destruir o outro discurso”.

Portanto, para entendermos as relações intertextuais que ocorrem no discurso institucional da imprensa jornalística (em questão *A Folha de S.Paulo*) acerca da velhice é preciso entender também essa encenação dialógica em meio a uma malha sócio – histórica do discurso de várias ordens: as vozes reportadas na matéria articulam-se com a voz que as reportou para dizer em uníssono: temos idade avançada mas não somos velhos, somos “novos” ou somos como os “novos”. Os velhos são os que têm idade avançada e se dizem velhos, ou melhor, agem como velhos.

O discurso da velhice como rejuvenescimento afronta o discurso da velhice como fase de impossibilidade, solidão e tristeza, destruindo-o para construir discursivamente sua própria imagem, e contraditoriamente, legitimando o outro na medida em que o nega no quadro enunciativo [“aquelas senhoras”; “naquele estágio da vida”] e na interdiscursividade (*elas* existem, mas eu não sou como *elas*, nem estou naqueles estágios decadência). Nega-se o discurso da velhice e legitima-se o discurso *sobre* a velhice. Os velhos, no discurso são o outro e suas vozes a serem destruídas constituem o discurso do outro. Por fim, a articulação dessas tantas vozes e discursos com outras vozes sociais e históricas vão tecendo o discurso da velhice como um problema social .

7. HETEROGENEIDADE E INTERTEXTUALIDADE.

Como vimos anteriormente, Fairclough (1992) tem vinculado o conceito de intertextualidade ao de heterogeneidade. A heterogeneidade é, portanto, uma propriedade do discurso que aparece nos dois tipos de intertextualidade inscritos por Fairclough: a intertextualidade manifestada e a intertextualidade constituída.

7.1. A intertextualidade manifestada

As marcas lingüísticas explícitas no texto como aspas, glosas e outras são os pontos de heterogeneidade que caracterizam a intertextualidade manifesta. Tais pontos se apresentam através das três formas gramaticais do discurso reportado (discurso direto, discurso indireto e discurso livre). Através da análise, podemos perceber a estratégia discursiva do emprego das aspas que ultrapassa a dimensão demarcadora da fala do outro, para demarcar elementos da ordem do discurso a que se submete o texto. Mais do que uma marcação gráfica “as aspas” assumem o papel de deslocar os sentidos mencionados na voz, não necessariamente explicitada do outro.

A matéria jornalística abaixo é um farto exemplo do verdadeiro jogo intertextual criado a partir do emprego das aspas:

7. FHC critica “obsessão” por aposentadoria.

O presidente Fernando Henrique Cardoso disse ontem que a “obsessão de parar de trabalhar, a uma certa idade”, cria problemas para a Previdência Social e para os que deixam o trabalho.

A afirmação de FHC foi feita durante cerimônia no Palácio do Planalto em homenagem ao Ano Internacional do Idoso e recebeu contestações de setores ligados aos aposentados .

Segundo o pronunciamento do presidente , “temos de entender que, para os mais idosos, trabalhar é bom, desde que tenham boas condições de trabalho”.

“Essa obsessão de parar de trabalhar, a uma certa idade, faz é criar problemas para a Previdência , que já são desagradáveis por causa dos aspectos financeiros”, disse ele. “Mas vai criar problemas maiores para os que deixam de trabalhar, porque eles deixam de encontrar uma conexão natural com o resto da sociedade”, acrescentou.

Para FHC, “é uma coisa muito preconceituosa” limitar tudo à idade, inclusive o trabalho. Segundo ele, esse preconceito está sendo combatido pelo governo com uma mudança de mentalidade em relação aos idosos.

Durante cerimônia no Rio de Janeiro, no primeiro semestre do ano passado, o presidente suscitou protestos das entidades de aposentados por Ter classificado como “Vagabundos” os funcionários que conseguem se aposentar antes dos 50 anos de idade. No fim do ano, também gerou polêmica ao afirmar que as aposentadorias diferenciadas para homens e mulheres representam uma distorção.

Ontem, o pronunciamento de FHC foi contestado pelo presidente da Cobap (Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas), Maria Machado Cota. “Com esse discurso, o presidente demonstrou que é um sociólogo que não tem conhecimento da realidade do trabalhador brasileiro”, disse ela.

“Parar de trabalhar é importante para o idoso fazer o que quer e não ser mais escravo do cartão de ponto”, afirmou.

Ela compareceu à cerimônia no Palácio do Planalto, convidada pelo Ministério da Saúde, por Ter participado da elaboração da campanha de vacinação dos idosos.

Para o deputado Paulo Paim (PT- RS), o discurso reflete que FHC ainda não aceitou a derrota do governo em relação à idade mínima para a aposentadoria. (F.S.P. 08/04/1999)

O governo queria fixá-la aos 65 anos de idade. O Congresso estabeleceu a relação do benefício com o tempo de contribuição (35 anos, para os homens, e 30 anos, para as mulheres).

“Os idosos devem Ter direito a uma aposentadoria decente para abrir espaço a 2 milhões de jovens que todo ano entram no mercado de trabalho”, disse Paim.

O objetivo da matéria é noticiar o pronunciamento do presidente Fernando Henrique Cardoso durante a cerimônia ocorrida no Palácio do Planalto em homenagem ao Ano Internacional do Idoso e relatar as outras “falas” que demonstram a repercussão negativa do pronunciamento do presidente.

É interessante observar no texto o emprego das aspas que, além de serem usadas para marcar o discurso direto, ou seja, demarcar as falas que vêm sendo reportadas [“Essa obsessão de parar de trabalhar, a uma certa idade, faz é criar problemas para a Previdência que já são desagradáveis por causa do aspecto financeiro”, disse ele] também são empregadas para desmontar o discurso do presidente. E assim na manchete a palavra está posta entre aspas provocando um efeito de distanciamento para mostrar que a palavra foi usado por FHC e que está apenas sendo mencionada no artigo. No entanto, a menção da palavra “obsessão” na manchete, uma palavra dita pelo

presidente, faz com que ela se torne um objeto de questão e de julgamento, e junto com ela todo o discurso de FHC. As aspas vão sendo postas durante o texto como que sinalizando o discurso do presidente, chamando a atenção do leitor como a questionar a adequação do uso de cada expressão, reclamando-lhe uma interpretação. Essa sinalização funciona como uma denúncia, através do emprego das aspas.

Observemos que no enunciado [para FHC, “é uma coisa muito preconceituosa” limitar tudo a idade, inclusive o trabalho] as aspas recaem não sobre todo o enunciado mas apenas sobre a expressão “é uma coisa muito preconceituosa”. A demarcação sugere o distanciamento e demarca não apenas uma outra voz mas um outro discurso o qual se questiona. Esse questionamento se dá não só apresentando as expressões aspeadas como sendo a fala do outro num nível de intertextualidade manifestada, mas também rompendo com esse discurso e se pondo a ele, na medida em que o texto é construído num nível intertextual por uma seqüência de vozes que funcionam como uma oposição, um discurso-resposta.

O questionamento e a oposição ao discurso do presidente são comprovados quando o locutor refere-se a um pronunciamento anterior de FHC [“Durante a cerimônia no Rio de Janeiro, no primeiro semestre do ano passado, o presidente suscitou protestos das entidades por ter classificado como “vagabundos” os funcionários que conseguem se aposentar antes dos 50 anos de idade...”]

A menção da palavra “vagabundos” posta no texto entre aspas acentua o questionamento sobre a adequação do uso de palavras pelo presidente, construindo a imagem do seu discurso como uma afronta.

No nível intertextual, os fios dialógicos se articulam polemizando entre si através de dois discursos. O discurso primeiro mostra a velhice como fase de realização que apresenta o idoso como ativo, rejuvenescido, capaz. O discurso de FHC ao utilizar o argumento do preconceito contra os idosos articula-se com o discurso neoliberal para diminuir os gastos sociais com a aposentadoria. Já o discurso de Maria Machado Costa que se opõe ao do presidente, embora rebatendo o seu pronunciamento, inscreve-se junto com aquele numa mesma ordem discursiva.

No primeiro discurso (o do presidente da República) a “mudança de mentalidade em relação aos idosos”, que os considera competentes e capazes, deve mantê-los no serviço por mais tempo, retardando sua aposentadoria. No discurso-resposta da presidente da Cobap, no nível da interdiscursividade, a mesma mudança de mentalidade a que se refere o presidente, considera o idoso capaz e ativo. No entanto, o favorecimento de uma aposentadoria por tempo mínimo de serviço é garantia para que ele possa realizar os antigos sonhos [“Parar de trabalhar é importante para o idoso fazer o que quer e não ser mais escravo do cartão de ponto”].

No outro discurso-resposta do deputado Paulo Paim, aparece o discurso que apresenta a velhice como incapacidade, na medida em que o idoso deve ceder o seu lugar para os mais novos [“Os idosos devem ter direito a uma aposentadoria decente para abrir espaço de 2 milhões de jovens que todo ano entram no mercado de trabalho”].

É interessante notar que todas essas vozes, embora construindo suas próprias diferenças, apregoam a defesa do idoso. A primeira querendo livrar-lhe do preconceito e

as outras duas querendo lutar por seus direitos: as três construindo dialogicamente o discurso da velhice como um problema social.

7.2. A intertextualidade constitutiva

No que diz respeito a intertextualidade constitutiva, a heterogeneidade é mascarada, uma vez que o dialogismo não aparece marcado na superfície e o texto é apresentado como em uma única voz. Vejamos um exemplo:

8. Dieta adequada é fundamental

Dieta adequada é o complemento ideal para um programa de esportes na terceira idade. Alimentos como o leite, queijo, iogurte e coalhada fornecem a carga adicional de cálcio que as pessoas precisam para evitar rarefação óssea (osteoporose).

A prevenção do excesso de colesterol (gordura no sangue) se reflete no consumo de carnes magras, uso de óleo vegetal e ingestão de leite fervido e coado. Riscar do cardápio frituras e alimentos muito gordurosos são outras medidas úteis.

As proteínas necessárias à construção do novo tecido muscular podem ser obtidas através do leite e das carnes brancas (peito de frango e filé de peixe).

A obstipação intestinal (intestino preso) é comum em pessoas de vida sedentária na terceira idade. As verduras e legumes fornecem fibras que

facilitam o processo de digestão e garantem o aporte de vitaminas e sais minerais.

Os obesos e diabéticos (problemas comuns nesta fase da vida) devem evitar o consumo de refrigerantes, doces e açúcar livre.

A hidratação deve ser adequada já que o consumo de líquidos tende a diminuir na terceira idade. A adequação dos alimentos à dentição influi na escolha na dieta.

A heterogeneidade aqui não se mostra explícita mas se deixa entrever através das relações intertextuais constitutivas que o texto apresenta. No texto, é mascarado seu caráter dialógico através da produção de um discurso em que entram em jogo processos discursivos de *reformulação*. O texto fornece uma série de orientações nutricionais proporcionando a indicação de uma dieta adequada como complemento para um programa de esportes para a terceira idade (novamente o discurso da *velhice ativa*).

O texto sugere um locutor “expert”, um especialista autorizado a falar para aqueles a quem o texto é endereçado (supõe-se que as pessoas de “terceira idade” dispostas a atenuar os efeitos da velhice através da prática de esportes) e cujos interesses vão influenciar na própria produção do texto.

O texto, que parece apresentar uma só voz e uma voz de autoridade, apresenta-se, na verdade, como um segundo discurso que reformula o discurso científico. A voz do locutor funciona como um tradutor que medeia o discurso da ciência, sob a forma de

outro discurso que divulga os conhecimentos do discurso de origem para um público leigo.⁷

É assim que no texto palavras e expressões de cunho científico pertencentes a um vocabulário especializado são reformuladas de outra maneira de modo a facilitar sua compreensão. Vê-se o emprego dos parênteses como uma prática de reformulação:

[...para evitar a rarefação óssea (osteoporose)]

[a prevenção do excesso de colesterol (gordura no sangue)...]

[..e das carnes brancas (peito de frango e filé de peixe).]

[A obstipação intestinal (intestino preso)...]

O texto apresenta, portanto, relações dialógicas em seu discurso científico_ que impõe um conhecimento especializado (no caso do conhecimento divulgado na matéria: o nutricional - geriátrico) e o discurso jornalístico. Os dois discursos apregoam o cuidado com o corpo, através da prática de esportes e alimentação adequada, como medidas preventivas para contornar os problemas próprios da velhice [A obstipação intestinal – intestino preso – é comum em pessoas de vida sedentária na terceira idade].

Os efeitos de sentido são construídos no texto de modo a promover uma racionalização através da reformulação do D1 (discurso científico geriátrico) para o D2_ discurso jornalístico que traduz o discurso primeiro para o leitor idoso de modo a encorajá-lo para que adote estratégias instrumentais (“Programas de esportes, Dieta

⁷ Ver o trabalho Authier-Revuz (1999) sobre textos de divulgação científica (D.C.) destinados ao grande público, “Dialogismo e Divulgação Científica”, tradução de Eduardo Guimarães.

adequada, Hidratação) para combater a deterioração e a decadência através da adoção de novas formas de consumo e estilos de vida adequados a serviço de um novo mercado: a “indústria do rejuvenescimento”.

Desse modo, o discurso jornalístico sobre a velhice não questiona o dialogismo que constitui o discurso primeiro (geriátrico-gerontológico) e nem o que esse discurso tem de ideológico, na medida em que se presta a construir em seus discursos sobre a velhice posições-sujeitos que estabelecem e mantêm relações de poder, relações de assimetria entre geriatra-idoso. Tais relações são entrevistadas na dimensão da intertextualidade constitutiva, relações do tipo: X sabe; Y não sabe, X tem competência e portanto X tem autoridade para prescrever atitudes que devem ser seguidas por Y. No texto em questão, o interlocutor funciona como um mediador entre as posições geriatra e idoso.

TERCEIRA PARTE:
A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS PARA A VELHICE

8. VELHICE E CONSTRUÇÃO DISCURSIVA

Como já foi colocado na introdução deste trabalho, uma análise crítica do discurso jornalístico sobre a velhice passa inevitavelmente, pelo questionamento dos sentidos para *velhice*, *velho* e *envelhecimento* que vêm sendo sedimentados historicamente e ideologicamente num contexto específico em que a velhice é apresentada como uma questão social.

É necessário, então, indagar: a velhice é algo natural, vinculado à idade cronológica ou uma construção sociocultural? Neste trabalho, procuro enfrentar estas questões tratando a velhice como uma construção discursiva, cuja formulação está intrinsecamente relacionada com as condições sócio-históricas em que foi produzida. Tal construção está, portanto, inserida numa verdadeira rede de discursos de várias ordens que se relacionam dialogicamente entre si.

Os sentidos para a velhice são, portanto, construídos a partir da operacionalização das ideologias instauradas no processo sócio-histórico em que a linguagem é produzida. É o que veremos nas próximas seções de trabalho.

8.1. A Velhice entre o natural e o cultural

De acordo com a antropóloga Guita Grin Debert (1998) a dificuldade mais evidente para os pesquisadores que iniciam no estudo do envelhecimento, é “a consideração de que a velhice é uma categoria socialmente produzida.”

Ora essa dificuldade toca a fundo na oposição que conforme Derrida (1971: 236) é congênita à Filosofia: a oposição natureza/ cultura. Segundo ele tal oposição “é mesmo mais velha do que Platão, tem pelo menos a idade da Sofística. Desde a oposição *physis/ nomos*, *physis/ techné*, chega até nós graças a toda uma cadeia histórica que opõe a “natureza” à lei, à instituição, à arte, à técnica, mas também à liberdade, ao arbitrário, à história, à sociedade, ao espírito etc.”

Derrida trata esta dicotomia que faz a partir da desconstrução do trabalho de Lévi-Strauss, que ao deparar-se com a proibição do incesto (tema tratado em seu primeiro livro “*Les Structures Élémentaires de La Parenté*”) ao mesmo tempo em que sentiu a necessidade de utilizar a oposição natureza/ cultura se viu na impossibilidade de lhe dar crédito.

Lévi-Strauss, partindo do axioma de que pertence à natureza tudo o que é universal e espontâneo e que pertence à cultura tudo o que depende de um sistema de normas que regulam a sociedade, podendo mudar de uma estrutura social para outra,

confronta-se com a proibição do incesto que possui atributos contraditórios das duas ordens: a proibição do incesto se constitui numa regra social, então seria algo cultural, no entanto, apresenta um caráter universal sendo ao mesmo tempo natural.

Derrida traz esse exemplo para mostrar que “a linguagem carrega em si a necessidade de sua crítica” (idem, 237) e dizer que é necessário denunciar os conceitos dessa oposição (natural/cultural) sem contudo deixar de usá-la como um instrumento, ou seja, conservar como instrumento aquilo cujo valor de verdade deve ser criticado.

Partindo dessas considerações e considerando o valor meramente metodológico desta dicotomia, vejamos os trechos das matérias abaixo:

9. A meta do Ministério é vacinar 6 milhões de idosos contra a gripe – cerca de 70% da população de **65 anos ou mais**. (grifos meus / FSP – 23/04/1999)

10. O Ministério da Saúde tornou obrigatório a presença de um acompanhante para pacientes **com mais de 60 anos** que forem internados nos hospitais públicos ou conveniados com o SUS (Sistema Único de Saúde). A portaria assinada ontem pelo ministro José Serra, faz parte do pacote de medidas para melhorar o atendimento dos idosos na rede pública. (FSP- 08/04/1999)

11. Colesterol a menos poderia debilitar idoso, o nível baixo de colesterol e de proteína albumina (encontrada no leite e na clara de ovos) no sangue pode indicar alto risco de doenças para pessoas **acima de 70 anos**. (FSP – 07/04/1999)

12. O Brasil tem hoje 13,5 milhões de idosos (pessoas com **mais de 60 anos**) que representam 8,7 % da população; já significaram 7,8 % em 1992 e 8 % em 1993. (FSP – 11/03/1999)

13. Maior de 60 vira colega de jovem na USP, a idéia é integrar o idoso nas aulas e estimular a sua participação como aluno comum. (FSP – 10/05/1998)

14. Atividades para maiores de 40 anos. (FSP – 18/05/1997)

Observa-se nos trechos acima a associação da velhice com a idade cronológica. O jornalista-escritor, inclusive, reformula o enunciado (no fragmento 12) explicando através do parênteses [idosos (pessoas com mais de 60 anos)]. Através da fórmula *maior de X- anos, mais de X- anos* o discurso sobre a velhice se constrói a partir das categorias de idade. Essa relação da velhice com a idade cronológica parece querer mostrar a velhice como algo natural, universal.

No entanto, a fixação da idade para designar os idosos (60, 70 anos, etc.) mostra a articulação, numa ordem do discurso⁸ com os elementos discursivos que negam a inevitabilidade da velhice. A esses elementos fazem parte o discurso que apresenta a velhice como fase de realização pessoal, apregoando o “cuidar de si”. Ora, não sendo a velhice algo natural podemos, então, ter uma idade avançada e não sermos velhos.

O jogo com as expressões *maior de X- anos, mais de X- anos* para definir os idosos, é feito através do uso de um tropo – a *metonímia*. A utilização da metonímia através do uso da categoria de idade_ que socioculturalmente marca a nossa vida na sociedade (idade para votar, idade para atingir a maioridade civil, idade para iniciar a

⁸ Vale lembrar que Fairclough emprega o termo ordem do discurso como equivalente ao termo interdiscurso usado pela AD francesa . Da mesma a expressão “elementos” equivalente à formação discursiva.

vida escolar) como definição de velho e da velhice produz um efeito de sentido de apagamento da posição ser-velho. Qualquer um pode ser idoso ou eximido dessa posição a partir de uma fixação de idade. Essa fixação se constitui a partir das mais variadas práticas políticas, sejam elas públicas ou privadas. É o que podemos observar com os exemplos.

As políticas de saúde pública, que atualmente se voltam para o idoso, fixam uma idade no texto 9, e uma outra no texto 10. Já o texto 14 (da matéria extraímos apenas a manchete), que apresenta uma lista de endereços das entidades e associações nas quais se promove atividades culturais e esportivas para a terceira idade, desce a idade para 40 anos: ter mais de 40 anos significa, então, estar na terceira idade.

A metonímia funciona como uma estratégia discursiva para a dissimulação, um dos *modus operandi* da ideologia que consiste em negar relações de poder pelo fato de representá-las de uma maneira que passe por cima de uma série de relações e processos existentes. As formulas expressões *maior de X – anos*, *mais de X - anos* usadas no discurso sobre a velhice, está ligada as condições sócio-político-econômicas em que são produzidas:

- i. O atual interesse e o conseqüente investimento das organizações mundiais para com a população idosa que têm gerado, no Brasil, políticas públicas promovidas pelo Ministério da Saúde específicas para essa categoria (Programa Envelhecer Ativo, Campanha de Multivacinação, Campanha de Mutirões de Cirurgias Eletivas, Os

programas Acompanhantes e Cuidadores – lançamento da cartilha viver mais e melhor).

- ii. A implantação do modelo político-econômico neoliberal no Brasil, nos últimos anos_ cuja meta é manter a estabilidade monetária , com a contenção dos gastos sociais e a restauração da taxa “natural” de desemprego_ que tem provocado verdadeiras guerras entre o governo Fernando Henrique e o Parlamento para a fixação da idade mínima para a aposentadoria.

Compreendendo o efeito das expressões *mais de X – anos*, *maior de X - anos* e similares como resultante de posições ideológicas que se manifestam numa ordem de discurso, posso entender o espaço discursivo como um palco onde encenam os sentidos para a velhice. Sentidos aceitos como tais a partir da compreensão de que as seqüências discursivas fazem parte dos elementos de uma ordem do discurso. Desse modo, compreendo a velhice como uma construção discursiva que se presta a apropriações políticas várias, na redefinição de poderes.

Vejamos ainda as manchetes:

15. “Cabelos brancos” rendem cachê entre R\$ 20,00 e R\$ 600,00. (FSP. 24/08/1997)

16. “Grisalhos Turbinados”. (FSP .18/05/1997)

Os dois textos referem-se a uma característica do processo de envelhecimento. Entendendo, porém, essas seqüências como pertencentes a uma formação discursiva que define a velhice como fase de reconquista, de realização pessoal, ou mesmo de rejuvenescimento, posso dizer que a atenção centrada para essas expressões “cabelos brancos” e “grisalhos” é deslocada de sua conotação negativa para significar um privilégio. Pertencer a uma categoria (velhice) que se transformou em um alvo da publicidade (seqüência 15).

Na seqüência 16, o mesmo efeito metonímico em que a característica física se torna a própria designação, substantivando-se e recebendo a adjetivação “turbinados”_ uma metáfora que confere ao idoso a virilidade e a energia historicamente associadas à juventude.

8.2 . A Velhice entre o público e privado

A dicotomia público/ privado pode ser ligada aos debates filosóficos da Grécia clássica e ao desenvolvimento inicial do Direito Romano. Thompson (1995) refere-se a dois sentidos básicos que essa dicotomia assumiu nas primeiras e nas atuais sociedades ocidentais modernas, caracterizadas por relações econômicas capitalistas e por um estado constitucional que incorpora instituições democráticas. O primeiro sentido

apontado por Thompson para essa dicotomia é referente ao domínio do poder político institucionalizado de um lado, e ao território da atividade econômica privada e as relações pessoais do outro. Segundo ele:

“O domínio privado inclui organizações econômicas particulares operando numa economia de mercado e orientadas primariamente em direção ao lucro, bem como um conjunto de relações pessoais e familiares que podem ser informais ou sancionadas formalmente por meios legais (por exemplo o casamento). O domínio público inclui as organizações estatais, tais como indústrias nacionais, e os serviços públicos do estado, bem como um conjunto amplo de organizações estatais ou para - estatais, desde as instituições parlamentares, o serviço civil e a polícia até uma variedade de serviços de bem estar e organizações que se expandiram rapidamente na maioria das sociedades ocidentais depois da Segunda Guerra Mundial” (Thompson 1995 : 313).

O outro sentido para a dicotomia público/ privado é o que toma “público” como significando “aberto” ou acessível ao público. Desse modo, público é aquilo que é visível, ou observado, aberto para ser visto e comentado. E o que é privado, por outro lado, é o que está escondido, em segredo, ou entre um círculo restrito de pessoas. Nesse sentido, a dicotomia *público vs. privado* tem a ver com a oposição publicidade vs. privacidade, com visibilidade vs. invisibilidade.

Utilizando essa dicotomia como um instrumental para uma análise do discurso sobre a velhice podemos perceber a visibilidade alcançada pela velhice, nessa última década, a partir da própria prática discursiva da imprensa. Para ilustrar essa afirmação observamos a frequência com que as empresas jornalísticas têm publicado nos últimos

anos matérias referentes à velhice. Trago a *Folha de São Paulo* como exemplo, como um jornal que tem alcançado um reconhecimento nacional e conquistado “status” político a partir da ditadura militar⁹.

A *Folha de São Paulo* publicou no período que delimitei para a pesquisa – janeiro de 1990 até setembro de 1999 – 96 matérias com a temática da velhice. Vale ressaltar que dessas 96 matérias, 56 foram publicadas em 1999, o que é compreensível uma vez a Organização das Nações Unidas – ONU decretou o período de 1 de outubro de 1998 a 1 de outubro de 1999 como o Ano Internacional do Idoso.

Nesse sentido, vale considerar que o desenvolvimento da imprensa e da mídia reconstituiu os limites da vida pública e privada. Conforme Thompson (1999:314), a partir desse desenvolvimento, “a publicidade (visibilidade) dos acontecimentos ou indivíduos nos domínios públicos e privado não está mais diretamente ligada com a partilha de um local comum, e conseqüentemente, os acontecimentos ou pessoas podem adquirir uma publicidade que é independente de sua possibilidade de serem observados ou ouvidos diretamente por uma pluralidade de indivíduos”.

No que diz respeito ao discurso jornalístico sobre a velhice, observa-se a diluição do público/ privado através da apresentação do cotidiano de pessoas que figuram nesse discurso como padrão, modelo de uma velhice bem-sucedida. Nas matérias sobre a velhice na F.S.P “estrelam” pessoas, nomes, datas, enfim, são expostas as vidas dos idosos como numa novela.

⁹ Ver o trabalho de Telma Domingues da Silva “Os manuais da imprensa no Brasil”: da redação à circulação pública (no prelo)

Vejamos como exemplo a matéria abaixo:

17. O caminho de volta à universidade.

As tardes das quartas-feiras são especiais para Nilza Marino Prudente de Toledo. Ela toma dois ônibus e vai para a ECA, a Escola de Comunicação e Artes, da USP (Universidade de São Paulo), onde assiste aulas de jornalismo e “trabalha” na elaboração de um jornal. Sua rotina de aluna da USP foi iniciada em 1996, quando começou a freqüentar aulas de psicologia.

Nilza seria apenas mais uma aluna da USP se não fosse uma estudante muito especial – aos 66 anos, viúva, três filhos e quatro netos, ela participa de um programa especial para a terceira idade.

“As aulas deram um novo sentido para minha vida . A gente deixa de ficar em casa, pensando nos problemas de saúde, aprende muita coisa e faz amigos.”

Como a USP, outras universidades do país estão investindo nas universidades abertas à terceira idade. Os modelos variam muito, mas o propósito é o mesmo: dar oportunidade para os idosos aproveitarem o que essas escolas têm para oferecer. Em geral, não se exige nenhum tipo de prova ou comprovação de que o candidato tenha freqüentado determinado número de anos de escola.”(F.S.P. 26/09/1999)

É claro que essa publicidade em torno das vidas privadas das pessoas velhas não é apenas efeito da “mediação da cultura moderna”, ou da função mediadora do jornalismo. Trata-se porém de uma visibilidade de caráter sócio- histórico que a imprensa enquanto instituição produz. A esse respeito, cito Telma Domingues da Silva (1999):

“Julgo importante, por outro lado, deslocar o modo automático pelo qual a imprensa é pensada, seja como “veículo” (que faz circular) seja como “mídia” (que intermedia), para pensá-la fundamentalmente como uma instituição que produz. E o que a imprensa produz é uma visibilidade histórica.”

A visibilidade sócio- histórica da velhice produzida pela imprensa enquanto instituição se insere num movimento histórico atual de constituição de uma velhice positiva, uma construção sobretudo, ideológico- discursiva. Como projeção dessa visibilidade cito dois momentos: Primeiro, a criação dos programas para a terceira idade¹⁰, que compreendem os grupos para idosos, as universidades abertas ou específicas para a terceira idade. Depois, a instauração de um mercado de consumo para os idosos onde figuram a indústria dos cosméticos, dentre outras. A matriz de sentido para a velhice em meio a esse emaranhado de discursos, é portanto, a adoção de um estilo de vida que propõe o investimento em si mesmo como ponte para o sucesso.

Vejamos a matéria abaixo:

18. Quem não usa micro será analfabeto

“Quem não souber mexer no computador vai ser analfabeto no futuro.” Quando a dona-de-casa Olecina Opiari , 67 , ouviu essa frase , ficou preocupada. Decidiu que vai fazer um curso de computação em 99. Hoje , ela está no segundo ano da Faculdade Aberta para a Terceira Idade Costa Braga, em São Paulo. Estuda história da arte, entre outras disciplinas.

¹⁰ Ver o trabalho de Guta Grin Debert “A reinvenção da terceira idade” S.P., Edusp. 1999

Therezinha de Jesus Armelin, 63, também faz o curso para a terceira idade e está se inscrevendo no curso de computação da faculdade, que é opcional. Ganhou de presente do marido um computador Pentium MMX de 233 MHz e está animada com a possibilidade poder pôr em prática o que aprendeu na escola.

Estuda espanhol e quer fazer exercícios no micro com o auxílio de CDs. “É uma forma de aperfeiçoar meu espanhol”, diz. Também está fascinada com o fato de poder se comunicar com outras pessoas pela Internet. Dos seus cinco netos, quatro mexem com o computador.

Wilson Armelin, 64, seu marido, decidiu entrar na era da informática em 93, quando comprou seu primeiro micro portátil. Desde aquele ano, não parou mais de se atualizar, comprando sempre o equipamento mais moderno.

Armelin evitou informatizar-se antes por achar que teria de dedicar mais tempo à informática. Dito e feito. Hoje, ao chegar ao escritório, habitualmente abre sua caixa de correio eletrônico. Recebe uma média de 20 mensagens por dia. Procura responder a todas. Não sai de casa sem carregar sua valise munida de um palmtop, uma câmera fotográfica digital e um dicionário eletrônico. Sempre que vai a uma reunião importante, tira fotografias do evento. “Se alguém pede uma cópia da foto, pergunto se a pessoa tem e – mail”, diz. Se não tiver, Armelin não hesita em dizer que é melhor conseguir um, “caso contrário não envio cópia alguma”.

A professora de espanhol Maria Blanca Yvette Murillo, 61, entrou para a era da Internet sem medo. Depois de reencontrar um amigo de escola na Europa, descobriu o e-mail para manter contato. Comprou um Pentium MMX e troca e – mail com o amigo da Espanha e com o irmão de 67 anos que mora no Peru. (FSP – 09/12/1998)

Como se pode notar é comum na matéria sobre a terceira idade a adoção de um tipo de texto que potencializa os recursos lingüísticos na tentativa de descrever personagens e narrar estórias de vida, recontadas pelas vozes reportadas. Apesar de

aparecer em circunstância de comunicação cultural complexa - que é o caso da escrita jornalística - e lidar com temas de ordem cultural, social e política, tratando-se portanto de um gênero discursivo complexo, os artigos jornalísticos sobre a velhice, entretanto, apresentam de forma recorrente a concretização de estruturas narrativas ao direcionar os argumentos, através de muitas estórias que focalizam idosos bem – sucedidos.

No texto acima, o discurso da velhice como fase de competência e prazer aparece aliado ao discurso do poder tecnológico. Em outros, é a metáfora da fonte da juventude, que tece com os fios do imaginário, o discurso da velhice bem-sucedida.

Vejamos o seguinte exemplo :

19. Velhice Transviada

Com uma rotina dinâmica, planos para o futuro e disposição, idosos com nova mentalidade conseguem encontrar a fórmula para a “fonte da juventude”.

Não fosse um acidente de trânsito ter posto um fim abrupto à vida do escritor Dias Gomes, na Quarta-feira passada, ele, provavelmente, viveria ainda muitos anos. Aos 76, trabalhava, tinha projetos, estava casado e criando seus filhos. Era um exemplo de “velho ativo”, que, se segundo as últimas pesquisas, são os mais fortes candidatos a uma vida longa. O estudo mais recente, feito pela UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo, antiga Paulista de Medicina), mostra que a “fonte da juventude” é fugir ao máximo do estereótipo do vovô caseiro: o segredo é ser sociável, manter uma rotina dinâmica, Ter planos e sonhos. (...)

Sem nenhum problema de encarar a “terceira idade”, sete velhos, ouvidos pela Revista, mostram que a melhor fórmula é ousar. Contra as expectativas – e desafiando as estatísticas -, eles voltaram à ativa, mantêm o

senso de humor e não tem vergonha de subir um jet ski ou de realizar um sonho de menina como tornar-se modelo. É como se desafiassem: “velho é a mãe!”

BASQUETE E DOSTOIÉVSKI

Aliar esporte a atividade intelectual é o segredo de Pedro Genevicius, 78, ex – jogador de basquete. “Virei técnico e estou nas quadras até hoje. É a minha vida”, diz Genevicius, que hoje é treinador dos veteranos do clube A Hebraica, em São Paulo.

“Na impossibilidade de fazer o que se gosta é que vem a depressão”, sentencia. Pedroca como é conhecido - gosta também de literatura e filosofia. “Terminou recentemente de ler “A Montanha Mágica”, de Thommas Mann. Ele alterna clássicos universais como Dostoiévski e Shakespeare com os brasileiros Érico Verissimo, Jorge Amado, e Guimarães Rosa. Entre os pensadores, lê Nietzsche, Platão, Schopenhauer e Marx. “Moro sozinho, mas nunca senti solidão na vida”, diz ele. Pedroca tem empregada que cuida do seu apartamento. Solteiro, sem filhos, ele mesmo administra as contas e controla a hipertensão que apareceu há um ano.

CAIPIRINHA, DINHEIRO E SEXO

O empresário Abraham Kasinski , 82, estaria no que os médicos chamam de grupos de risco: além de ser homem e beirar os 85 anos, já foi internado pelo menos cinco vezes para fazer cirurgias diferentes. Quando se aposentou, há dois anos, lia três jornais por dia, inclusive classificados e obituário. “Quando vi, estava lendo até aquele Classiline da Folha : homem procura mulher, mulher procura homem. Decidi voltar a trabalhar”, conta o empresário. Kasinski deixou a confortável aposentadoria – ele é proprietário da Cofap Amortecedores – e abriu, neste ano, uma fábrica de motos. Foi garoto – propaganda de sua própria empresa, aparecendo ao lado de uma moto de 125 cilindradas. “É muito fácil dizer – fico em casa de pijama - , mas o sujeito aguenta um dia, dois, no sétimo, está enlouquecido”, afirma. O empresário trabalha de 12 a 14 horas por dia e faz ginástica com personal trainer. “Gosto de vinho, tomo caipirinha na praia e ainda faço o que todo

homem faz. Felizmente satisfação minhas necessidades e meus desejos”, diz Kasinski, que é casado pela Segunda vez com uma empresária de 62 anos.

PATO NO TUCUPI

Elvira leite, 86, é a mais velha integrante do Coral da Melhor Idade, que ensaia todas as segundas-feiras no ginásio do Ibirapuera. Solteira, Elvira canta há nove anos e mora sozinha. Para poder sobreviver com uma aposentadoria de R\$ 136,00, ainda aluga dois de seu apartamento para dois rapazes. Ela cuida sozinha do lugar e das contas. “Pego dois ônibus para ir ao ensaio do coral, mas não perco por nada”, diz Elvira. “acho que me viro bem, por não Ter ninguém para fazer as coisas por mim. As vizinhas até se oferecem, são muito boas, mas não aceito, acho um absurdo me entregar”, completa. Elvira faz ioga desde os 70 anos e já viajou bastante pelo Brasil. “Mas falta um lugar que ainda quero conhecer: o Pará. Queria ir a Belém, experimentar as comidas de lá e passar pelo (mercado) ver – o – peso”, conta.

AMOR QUE VIRA O SÉCULO

O casal Isabel e Arthur Rosa já beira os cem anos e pretende comemorar ainda com saúde os 75 anos de casamento, no ano 2000.

Ele é engenheiro e tem 97 anos. Ela, aos 95, é dona – de - casa e ainda hoje faz o café e o almoço do casal – eles não tiveram filhos. Aposentado, desde os anos 50, do Daee – atual Sabesp - ,Arthur só parou mesmo de trabalhar há quatro anos. Até os 93 anos, ele deu consultoria em instalação e manutenção hidráulica nos clubes Palmeiras e Pinheiros. Lúcidos, eles vêm deixando de fazer algumas atividades diárias: não vão ao banco nem às compras. “Mas ainda saímos bastante com os sobrinhos, sempre que eles vêm nos buscar, nos finais de semana”, diz Isabel.

Boa alimentação, trabalho e lazer são apontados pelos Rosa como segredo da longevidade com qualidade de vida. “Desde o começo do casamento (ele tinha 24, ela, 22 anos), praticamente não comemos frituras e evitamos carne de porco”, conta a mulher, que não tem nenhuma das doenças crônicas comuns às idosas (colesterol, diabetes, hipertensão e osteoporose).

“Sempre fomos ao cinema, ao teatro e dançamos bastante”, diz Arthur, que apenas controla a hipertensão. Eles contam também que viajaram muito. “Quando me aposentei, vendi uma outra casa que tinha e torramos o dinheiro viajando. Foi um senhor investimento, passamos por EUA, França, Espanha, Portugal, Itália e todo o Brasil, conta Arthur. Ele dirigiu até os 90 anos e tinha autorização do Detran para continuar nas ruas. “O médico me mandou parar, porque outros carros mais rápidos poderiam bater em mim”, conta ele, rindo.

SONHO DE MENINA

Apesar de seus 76 anos, a ex – estilista Joanna Tincani Freiria não parou de trabalhar. Há dez anos, realizou um antigo sonho de menina: virou modelo. Ela participou de um concurso da Secretaria de Estado de Esporte e Turismo e foi uma das 36 escolhidas entre 400 inscritos.

Nesses dez anos, desfilou em lojas, eventos, butiques e ainda virou empresária. Ela passou a contratar modelos da terceira idade. “Tenho um grupo com quatro homens e oito mulheres, com idades entre 56 e 76 anos “, conta. Ela não toma remédio e tem uma saúde “de ferro”. “Meu médico diz que, quando envelhecer, quer Ter a minha saúde”, orgulha-se Joanna, que ainda trabalha como voluntária em uma associação humanitária e cavalga nos fins-de-semana. Projetos e sonhos ? Pilotar um avião e desfilhar na Argentina neste ano.

VENTO BATENDO NO ROSTO

Mesmo sem saber desses estudos científicos, a dono-de-casa gaúcha Yolanda Viegas, 82, segue uma receita radical de longevidade. Com dois filhos, seis netos e seis bisnetos, ela saltou de paraglider (tipo de pára-quedas que voa amarrado em carros ou lanchas) há três anos, ainda dirige seu próprio carro e , quando está muito animada, anda de jet ski. “Eu me sinto alegre e livre com o vento e a água batendo no rosto”, conta Yolanda, que narra suas aventuras com a empolgação de um adolescente.

Esportista desde menina, faz ioga há 28 anos, nada e caminha diariamente. Desde que ficou viúva, em 1971, já rodou o mundo. Conheceu

Hong Kong, Espanha, Tailândia, o rio Nilo, França e Estados Unidos. Fez safári no sul da África e andou de camelo no Marrocos. “Como de tudo, mas tenho um vício: jogo de cartas” diz, Yolanda, que duas vezes por semana joga “umas partidinhas” de baralho com as amigas e faz planos de visitar Portugal ainda neste ano.

Yolanda controla apenas a hipertensão. Foi operada no ano passado da catarata e depois fez maquiagem definitiva nos olhos. (F.S.P-23/05/1999)

A análise desse texto, em que o conjunto coeso é construído a partir montagem de seis seqüências textuais, permite perceber que nele preponderam como estrutura discursiva a descrição e a narração. A unidade discursiva do tipo estória é utilizada para argumentar em favor de uma *velhice ativa* que passa a significar a própria negação do envelhecimento, o que é comprovado na voz artificialmente atribuída aos personagens, no quadro enunciativo:[“ É como se desafiassem : “velho é a mãe! ”]

Os artigos sobre velhice publicados no jornal *A Folha de S. Paulo* não se enquadram num único gênero discursivo, i.e, eles não representam um gênero puro. As muitas estórias cotidianas dos idosos que, conforme Bakhtin (1979), fazem parte dos gêneros discursivos primários (simples) são absorvidas e transformadas nos artigos jornalísticos de modo a receber características próprias de um gênero complexo, conservando suas formas espontâneas e cotidianas apenas no plano de conteúdo da matéria que se transforma no seu todo em um único enunciado: um enunciado complexo.

No que diz respeito ainda à análise da operacionalização da ideologia no discurso jornalístico é possível observar a operação de um deslocamento. Se por um lado

a visibilidade dada as questões referentes à velhice, redimensiona os lugares, deslocando a questão da velhice do território do privado para um terreno público, através de medidas públicas e gestões institucionais que a locomovem do âmbito doméstico para o social, por um outro lado, esta visibilidade joga a responsabilidade sobre os próprios velhos que devem tomar atitudes para que não venham a sofrer as conseqüências negativas do avançar da idade: as perdas das capacidades físicas, psíquicas, cognitivas e sociais. Como se observa no fragmento seguinte:

20. O mercado de trabalho está começando a voltar os olhos para a terceira idade. Desde que a pessoa seja qualificada para a função e sobretudo, atualizada, há oportunidades de trabalho”. (FSP – 24/08/97)

9. OS PROCESSOS DE DESIGNAÇÃO : entre a referência e o sentido

A noção de referência é fundamental para a compreensão dos processos de designação. Uma semântica estruturalista utiliza o termo referência para “a relação entre as palavras e as coisas, entre os acontecimentos, as ações e as qualidades que elas representam” (Lyons, 1979:450). Nessa linha de raciocínio, referência pressupõe a “existência” ou a realidade que se deriva de nossa experiência no mundo físico. Portanto uma concepção ontológica que define a linguagem como um puro instrumento de

comunicação já realizado. Essa concepção objetivista da linguagem tenta determinar a significação de expressões lingüísticas pela ordenação de palavras a realidades através de convenções lingüísticas.

Em *Investigações Filosóficas*, o filósofo Wittgenstein vai contestar essa exclusividade designativa presente na teoria objetivista, pondo em questão a concepção de linguagem que se faz presente em sua própria obra anterior: o *Tractatus philosophicus*. Assim, no número 23 de suas *Investigações Filosóficas*, ele demonstra que com a linguagem podemos fazer muito mais coisas do seu designar o mundo. Ao utilizar o termo *jogo de linguagem* Wittgenstein pretende mostrar que o “falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida”.

Quanto a diversidade desses jogos de linguagem, ilustramos com alguns exemplos do próprio Wittgenstein em "*Investigações Filosóficas*" in *Os Pensadores* (1970 : 19).

"Inventar uma história; ler_

"Representar teatro_

"Cantar uma cantiga de roda_

"Resolver enigmas_

"Fazer uma anedota, contar_

"Resolver um exemplo de cálculo aplicado_

"Traduzir de uma língua para outra_

"Pedir, agradecer, maldizer, saudar, orar_

No quadro de uma semântica filosófica tradicional estão, portanto, as afirmações de que as "expressões lingüísticas possuem apenas uma função semântica, isto é, designam certas entidades a base de convenção". Desse modo, as sentenças designariam os fatos de que determinado atributo diz respeito, a partir da idéia de que os predicados designam atributos. Essa tendência teórica denominada realismo semântico recebeu inúmeras críticas dos semanticistas nominalistas, conforme afirma Oliveira (1996:53) :

"Um nominalista objeta contra o realismo semântico que há objetos concretos, mas não há objetos abstratos e, por isso, predicados não podem ser nomes, porque não existe, o que possa ser por eles designado. Numa concepção nominalista predicados, em contraposição a nomes e sentenças, não possuem em si mesmos uma significação, mas são sinsemânticos, isto é, expressões sincategoremáticas, que só tem sentido no contexto frase."

Para os nominalistas, portanto, não podemos mostrar atributos e fatos como podemos mostrar objetos. Desse modo não se pode determinar a função dos predicados através das sentenças, cuja a única função seria, de acordo com o nominalismo, a de serem verdadeiras ou falsas.

No campo dessas discussões acerca da significação, teve grande influência o trabalho de Gottlob Frege. Frege (1892) entende que não é possível admitir a identificação feita pelo realismo de que a significação corresponde ao objeto.

Demonstrando que há nomes próprios que têm significação mas não designam objetos (ex.: "O atual Rei da França") ele vem mostrar que o sentido de um nome próprio não pode ser identificado pelo objeto por ele designado. Surge assim a

importante distinção formulada pelo filósofo entre "Sinn" e "Bedeutung". Essa distinção entre sentido e referência vem ser de decisiva importância para semântica atual.

Ao analisar o ponto de vista de Frege, Guimarães (1995 : 27) vem mostrar que o sentido e a referência são objetivos para o filósofo: "a referência é um objeto perceptível e o sentido é o modo de apresentar um objeto enquanto a serviço, de modo igual, daqueles que falam uma língua dada. Essa mesma distinção é considerada relativamente às sentenças. As sentenças têm como sentido o pensamento que expressam e como referência o seu valor de verdade".

Frege, então, mantém a preocupação com a referência a partir do tratamento dado ao sentido - entendido não como um objeto real, mas como um modo de se conhecer a referência. Desse modo, Frege considera que "expressões distintas podem ter sentidos diferentes e mesma referência, ou seja, uma referência não é designada só por um único sinal. Por outro lado, o mesmo sentido pode ter expressões diferentes, ou seja, tem-se um caso de sinonímia"(idem).

Feitas essas considerações de modo a entender historicamente as posições teóricas que tratam a questão da referência e, portanto, a relação linguagem-objeto, defino-me, no que diz respeito aos estudos das designações sobre a velhice no discurso da Folha de São Paulo, por uma concepção de sentido e referência que leva em conta a materialidade histórica dos processos discursivos.

A concepção de designação e referência tomada neste trabalho é a concepção elaborada por Eduardo Guimarães (1995: 74) que apresenta a relação de designação

como uma "relação instável entre a linguagem e o objeto, pois o cruzamento de discursos não é estável, é, ao contrário, exposto à diferença". Para ele:

"O objeto é uma exterioridade produzida pela linguagem, mas não se reduz ao que se fala dela, pois é objetivada pelo confronto de discursos. Em que sentido isto se dá? No sentido em que o objeto é constituído por uma relação de discursos. A sua materialidade é este confronto" (idem).

No estudo das designações para a velhice, percebe-se que no confronto entre vários discursos (discurso neoliberal, discurso gerontológico, etc.) opera-se a materialidade do objeto velhice_ que no espaço interdiscursivo vem a ser substituído pelo termo *terceira idade*.

Para designar a velhice, portanto, serão constituídos em todas as matérias publicadas na última década pela *Folha* uma série de sinônimos e paráfrases para os termos velho e velhice. A seguir, trago o quadro dos termos apresentados nas matérias como referência a velho e velhice :

VELHO(S)

- mais velhos
- os mais velhos
- velhos
- velho ativo

- idosos
- o senhor / a senhora
- vovô/ vovós
- vovó das vovós
- vovô caseiro
- vovôs surfistas
- grisalhos turbinados
- alguns de terceira idade
- pessoas de terceira idade
- pessoas de meia idade
- pessoas de 40 anos
- a pessoa aos 50 anos
- pessoas de mais de 60 anos
- adultos com mais de 50 anos
- quem tem mais de 50 anos
- população com mais de 65 anos
- acima de 65 anos
- clientes com 60 anos de idade
- mulheres com idade entre 40 e 80 anos
- um casal de 70 anos
- maiores de 40 anos

- maiores de 50 anos
- maiores de 60 anos
- maior de 60

VELHICE

- idade avançada
- terceira idade
- processo de envelhecimento
- na faixa dos 60 anos
- após os 50 anos
- aquele estágio da vida

Nas designações encontradas para a velhice, observei a frequência com que se utiliza o termo *terceira idade* e quase ausência do termo *velhice* e *velho*, este último aparecendo tão somente e, com bastante frequência, acompanhando de um elemento modificador, por exemplo nas designações, *mais velhos* e *velho ativo*.

Entendendo a ordem do discurso sobre a velhice como uma configuração de vários elementos discursivos que projetam uma velhice capaz e competente, podemos compreender o emprego do modificador como operando um deslocamento de sentido através do eufemismo. O eufemismo funciona nas matérias produzindo um sentido para a velhice divergente do sentido histórico que a associa ao declínio e à decadência. Nota-se que a designação *velho ativo* parece referir a alguém de idade avançada que não carrega os caracteres negativos comumente associados a essa faixa etária.

Ao mesmo tempo em que se denuncia a inconveniência do emprego do termo *velho* para referir-se às pessoas que com o passar da idade continuam atuantes e rejuvenescidas (ver texto 5), o emprego das designações para a velhice na F.S.P aponta para a legitimação da ideologia que considera o velho como alguém incapaz. Na designação *velho ativo* poderíamos ainda ler: velho, porém, ativo.

A designação *mais velhos* escrita em letras chamativas nas matérias especiais publicadas pela *Folha* sobre a velhice traz a idéia de uma aparente neutralidade. O uso do grau comparativo nessa designação permite percebê-la como uma construção do tipo *X é mais velho que Y*, sem que sejam demarcados os elementos (X, Y) que são comparados. Tal construção produz um efeito de sentido que nega as características que compõem e marcam a construção sociocultural das fronteiras estabelecidas entre as faixas etárias.

Afinal, quem são os mais velhos? Eles são *mais velhos* do que você, do que eu? De quem eles se distanciam em idade? A partir de elementos discursivos que apregoam

uma velhice positiva posso perceber a escolha da designação *mais velhos* como o uso do politicamente correto para referir-se à velhice.

Embora a Folha de São Paulo se apresente como um jornal com um projeto político-editorial próprio e mesmo que, através de um corpo editorial de escritores-jornalistas, pretenda atingir uma espécie de homogeneidade em sua prática discursiva, não podemos deixar de considerar seu discurso como um todo heterogêneo que é atravessado por outros tantos discursos que com ele se articulam dialogicamente, portanto, marcado por contradição ideológica.

Desse modo, a designação *mais velhos* pode se situar tanto numa formação discursiva que denuncia a situação do velho na sociedade capitalista, quanto em outra que propõe uma velhice positiva. A designação *mais velhos*, portanto, corrobora o discurso da velhice como um problema social: um discurso contraditório gerado entre as duas formações discursivas já citadas.

Esse discurso propõe que os problemas referentes à velhice sejam solucionados não pelo Estado, mas pelo próprio idoso, que resgatando sua cidadania não se tornará um indesejado, mas alguém que pode cuidar de si e contribuir com a sociedade. Esse seria o papel dos profissionais que trabalham com a velhice (geriatras, gerontólogos, terapeutas-ocupacionais, etc.): ajudar os velhos a gerir a própria velhice, criando inclusive uma nova designação para ela_ a terceira idade.

Desse modo, a designação **mais velhos** permite a paráfrase: as *pessoas de terceira idade* não são velhas, são apenas *mais velhas* que as pessoas jovens. Mas se a terceira idade desmente a velhice, de que referente estamos tratando?

A resposta está na compreensão de que a construção dos objetos velho e velhice e portanto, sua materialidade se configura a partir de uma ordem do discurso em que se degladiam elementos de caráter político-ideológico. Como condição dessa materialidade_ vista a partir de sentidos construídos no espaço discursivo, a serviço de poderes específicos_ observamos o atual contexto econômico em que surge um novo ramo de negócios: o ramo da terceira idade. Como exemplo, cito o complexo industrial da beleza - as clínicas de estética, as indústrias de cosméticos - para o qual a velhice existe como algo a ser combatido e esse combate sustenta um lucrativo mercado de consumo. Vejamos os textos abaixo:

21. Idosos são alvo de novos negócios

Apesar de já existir há anos, só agora empresários brasileiros estão se dando conta de um "novo" tipo de consumidor: as pessoas que estão na terceira idade.

Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), existiam quase 15 milhões de pessoas com mais de 55 anos no censo de 1991. "Em 2020, serão 38 milhões de brasileiros nessa faixa etária", prevê Edith Wagner, 52, consultora da Pró-Marketing, que a pedido de alguns cliente já está dimensionando o setor.

A Folha entrevistou alguns especialistas, que mapearam as principais oportunidades de negócios voltados à terceira idade.

Os investimentos vão de R\$ 15 mil (uma empresa de transporte para espetáculos) a R\$ 3,5 milhões (um hotel cinco estrelas). O lucro depende do ramo e pode variar de R\$400,00 a R\$ 35 mil.

Setores, "Turismo, lazer e indústria farmacêutica serão os primeiros setores a sentir os efeitos do aumento dessa população", afirma o consultor

Licínio Motta, 48. Sua empresa, a CLM, fez uma pesquisa com pessoas de mais de 60 anos para conhecer as possibilidades de investimento. (F.S.P - 16/05/1999)

Curso de modelo e aulas de dança são opções de negócios.

Como em todos os ramos, as idéias criativas sempre rendem bons negócios. É o caso de Florinildes da Silva, 52, que montou um curso de modelo para a terceira idade. A idéia foi trazida por uma professora para o seu grupo de idosos. Hoje, já são duas instrutoras e 28 alunas. "Damos dicas de maquiagem, postura e etiqueta. Muitas vêm com o salto na bolsa." As aulas duram três meses, e a mensalidade é de R\$ 60. Florinildes lucra R\$ 400,00 por curso. (F.S.P - 16/05/1999)

22. Transporte para show é setor em alta.

Os serviços de acompanhantes, principalmente os de transporte para espetáculos, são negócios em alta no ramo da terceira idade.

A decoradora Esmeralda Rosa, 56, teve a idéia de montar sua empresa ao acompanhar uma senhora e duas amigas ao teatro, em 97. "No começo, ia com o meu carro (uma perua Royale). Com o tempo, precisei de um veículo maior e comprei uma van." O investimento foi de R\$ 31 mil.

Os clientes de Esmeralda recebem no início do mês a programação dos passeios. "Eles escolhem o espetáculo e ligam para fazer uma reserva." O programa preferido são as idas ao teatro.

No dia combinado, a decoradora pega o cliente em casa e leva-o ao evento. Ela cobra R\$ 35 por passeio, mais o ingresso _ uma lei municipal garante a meia-entrada para maiores de 65 anos.

O lucro chega a R\$ 180 quando a van esta cheia (sete clientes). "Faço três passeios por semana, todos à noite, mas estou organizando algumas saídas de dia." (F.S.P -16/05/1999)

23. Informática é novo nicho

Uma das novidades no ramo da terceira idade é o ensino de informática. Vitória Kachar, 40, é professora dessa disciplina na Universidade

Aberta para Terceira Idade da PUC-SP. "O trabalho tem de ser gradativo. Eles querem conhecer todos os detalhes."

Suas alunas _ não há homens _ estão elaborando um jornal que vai estar disponível na Internet.

O professor Fernando Saldanha, 30, foi mais ousado e abriu uma escola de informática, a Site 1, cujo carro-chefe são os cursos para a terceira idade. "Tenho nove turmas com este perfil." O investimento foi de US\$ 70 mil _ gastos na reforma do local e nas salas. "Tenho uma com dez computadores e outras quatro livres."

Ele ainda não está tendo lucro com a escola, aberta há um ano, mas pretende tirar R\$ 6.000 por mês. "O curso tem introdução à informática, Windows, Word e Excel. A aula é mais detalhada, pois os alunos são exigentes."(F.S.P - 16/05/99)

Num quadro econômico atual em que se torna hegemônica a cultura de consumo, a manutenção da capacidade, de vitalidade e da juventude durante o avançar da idade se constitui no elemento de uma ordem do discurso em que se situa o discurso jornalístico. Esse elemento discursivo (entendido como uma formação discursiva) que propõe uma velhice positiva conduz a direção argumentativa do discurso da F.S.P a construir o perfil de um novo consumidor apresentado nos textos como pessoas que não se sentem velhas: pessoas vaidosas, preocupadas com a saúde, com tempo e dinheiro disponível e que representam um mercado interessante para investimentos [as pessoas que estão na terceira idade].

O uso da designação *terceira idade* ao invés de *velhice*, instala um sentido que apaga o sentido tradicional da velhice como fase resignação às perdas da beleza, da capacidade físico-cognitiva. O silenciamento desse sentido comum à cultura ocidental

posiciona e estabiliza, na ordem do discurso, a promoção de uma velhice ativa que rompa com as fronteiras cronológicas, com estereótipos de uma fase monótona e aproveite a vida através de um novo estilo de aposentadoria.

A materialidade da velhice é produzida pela linguagem nos confrontos internos de uma ordem do discurso. Ou melhor: o discurso da F.S.P, portanto, o discurso jornalístico sobre a velhice, situado no interdiscurso constitui sua materialidade na relação dialógica que estabelece com outros discursos.

É assim que nas matérias são reportadas as vozes dos "especialistas", autorizados a falar sobre velhice (gerontólogos, sociólogos, economistas, demógrafos, etc.) que preocupados com os déficits orçamentário e com a viabilidade financeira dos programas da previdência social têm construído o discurso da velhice como um problema social: um discurso legitimado pelo discurso jornalístico. Vejamos o fragmento da matéria abaixo:

24_ . . . e idoso adiará saída

O envelhecimento da população mundial e a consequente pressão sobre os sistemas previdenciários trazem um novo desafio para as sociedades no próximo século: o que fazer para adiar a aposentadoria e manter as pessoas no mercado de trabalho por mais tempo.

A comunidade Européia já coloca esse tema como prioritário. Principalmente em função da queda na taxa de emprego (38 % para 36 %) verificada entre 85 e 97 na população entre 55 e 64 anos. A preocupação vem

das projeções sobre a expectativa da vida. A ONU (Organização das Nações Unidas) estima que 20 % da população mundial terá mais de 60 anos em 2050. Se na metade do século existiam pouco mais de 200 milhões de pessoas nessa faixa etária, em 2050 serão quase 2 bilhões.

Se elas continuarem a se aposentar na mesma idade de hoje, receberão aposentadoria por mais tempo, pois viverão mais. Isso obrigará a sociedade a gerar mais recursos para a previdência.

No caso brasileiro, segundo o pesquisador do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) Francisco de Oliveira, 23,95 % dos aposentados homens por tempo de serviço têm até 44 anos. A tendência de crescimento da participação dos sexagenários no mercado _apesar de ainda não ser um fenômeno mundial _ já se manifesta no Brasil. A população ocupada entre 60 e 64 anos cresceu 31,5 % entre 91 e 98.

Segundo o economista Marcio Pochmann, porém, a alta se deve principalmente à baixa renda dos aposentados _ a grande maioria recebe menos de R\$ 500 por mês. Na grande São Paulo, por exemplo, 16 % dos aposentados e pensionistas exerciam alguma ocupação em 1998, segundo o Seade.

Outro agravante é a informalidade, que reduz o número de contribuintes da previdência. Na região, de acordo com Paula Montagner, quase metade dos ocupados não recolhe para a previdência. (F.S.P - 30/05/1999)

No texto, o discurso da velhice como um problema social dirige o funcionamento da argumentação ao se utilizar de dados demográficos para projetar uma situação alarmante para a sociedade civil no futuro [um novo desafio para as sociedades do próximo século] enfatizando o aumento dos gastos públicos para atender às demandas da população idosa.

Na enunciação jornalística, a presença de marcas específicas através das porcentagens, tabelas e cálculos estatísticos que denunciam o envelhecimento populacional deixa entrever uma posição de sujeito que situa os especialistas como proponentes de práticas para solucionar o problema da velhice, transformando-a num valor positivo.

A argumentação é movimentada, portanto, pela ordem do discurso onde se encontram os elementos do imaginário que anunciam a eminência de uma explosão demográfica a uma catástrofe social. O anúncio dessa catástrofe que Simões (1995) chama de "crônica da crise anunciada", constitui a direção argumentativa que organiza a matéria a seguir:

25. Número de idosos cresce e preocupa especialistas

O número de homens e mulheres acima de 65 anos está crescendo quase três vezes mais que o conjunto da população brasileira. A expectativa de vida, que já foi de 45 anos na década de 40, hoje beira os 70. O Brasil tem hoje 11 milhões de idosos numa população de 150 milhões. Em 30 anos, o país tiver 240 milhões de habitantes, os idosos serão 33 milhões. Poderia ser uma boa notícia, mas não é, advertem os especialistas em saúde pública. "Os países do Primeiro Mundo preparam seu envelhecimento há 70 anos. O Brasil ainda não acordou para o problema", diz Renato Veras, 44, professor do Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Uerj).

Quando acordar, tomará um susto. Além da redução da taxa de fertilidade, a principal causa do envelhecimento é a mudança do perfil das doenças. "São doenças que podem se arrastar por até 30 anos", diz Veras. São

também as mais caras. Pesquisas internacionais mostram que pessoas com mais de 60 anos consomem três vezes mais recursos em saúde. No Brasil, onde os investimentos nesta área estão bem abaixo da média latino-americana, a situação será crítica.

Veras dirige a Universidade Aberta da Terceira Idade da Uerj e publicou recentemente o livro "País Jovem com Cabelos Brancos". "Se nada for feito, o problema vai explodir", ele prevê.

Luis Roberto Ramos, 40, do Centro de Estudos do Envelhecimento da Escola Paulista de Medicina, diz que "não é possível planejar o futuro sem considerar o rápido envelhecimento do país". A base econômica, sustentada pela população em idade produtiva, vem diminuindo depressa. Pesquisas do Centro de Envelhecimento revelaram que 86 % dos idosos paulistanos têm alguma doença crônica; 10 % têm alguma incapacidade severa.

Segundo os médicos, uma vez instalada a doença na velhice, pouco se pode fazer, a não ser arcar com o sofrimento e os custos. "A proposta é evitar o início da doença", diz Veras. Intervindo antes que ela se instale, pode-se impedir a internação em asilos e hospitais. Um serviço domiciliar e ambulatorial de qualidade dispensaria a hospitalização e melhoraria a qualidade de vida. Veras calcula que, com essa política, a redução dos custos em saúde será de 60 %.

Esta também é a recomendação da OMS. No 4 Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, realizado no final do mês em Olinda (PE), mais de 60 trabalhos sobre envelhecimento foram apresentados. Uma proposta comum é a criação de projetos que mantenham o idoso ativo. O trabalho feito em Santos e a abertura de faculdades para a Terceira idade foram citados como modelos a ser seguidos. (F.S.P - 05/07/1994)

Pode-se afirmar que o texto apresenta o discurso da velhice como um problema social como discurso predominante criando um lugar, o olhar da autoridade, que anuncia

o problema para lhe propor soluções, controlando a argumentação através da apresentação dos dados demográficos. Veja os fragmentos (grifos meus):

[Poderia ser uma boa notícia, **mas não é**, advertem os especialistas em saúde pública]

["...O Brasil ainda não acordou para o **problema**"]

[São também as mais caras (...) a situação será **crítica**]

["...Se nada for feito, o **problema** vai explodir", ele prevê]

["A **proposta é** evitar o início da doença", diz Veras. Intervindo para que ela se instale]

[Veras calcula que, com essa política, a redução dos custos em saúde será de 60%]

Desse modo, o discurso jornalístico se relaciona com o discurso dos que detêm o saber sobre a velhice, de modo a sustentar o discurso dos que podem e sabem falar sobre isso e sustentar-se por esse discurso competente, representado no texto pelo discurso - verdade dos médicos, gerontólogos, enfim dos pesquisadores do envelhecimento. Essa posição do sujeito competente se constitui o argumento básico para textos em questão.

Enfim, o discurso especializado é reformulado e legitimado pelo discurso jornalístico que ressalta a importância dos cuidados aos idosos e da criação de mecanismos de gestão e controle apresentados pelos especialistas na tomada da velhice como um problema social.

10. AS RELAÇÕES DE SENTIDO ENTRE VELHICE E TERCEIRA IDADE

Fairclough (1992) ao tratar a análise de textos na perspectiva da pesquisa social, usa o termo sentido potencial para referir-se aos sentidos convencionalmente associados a uma palavra, que o dicionário tenta representar. Segundo ele a forma como o dicionário associa grupos de verbetes a uma palavra, implica na visão de que existe um sentido potencial que é estável, universal (no sentido de ser comum a todos os membros de uma comunidade de falantes) e claramente demarcado. Assim os sentidos potenciais para velho e velhice encontrados no dicionário são:

velhice. S.f. 1. Estado ou condição de velho, 2. Idade avançada. 3. P. ext. antiguidade, vetustez. 4. As pessoas velhas. 5. Rabugice ou disparate próprio de velho.

velho. [Do lat. vetulu,atr de uma f. *vetlu, pronunciada veclu.] Adj. 1. Muito idoso: homem velho. 2. De época remota; antigo: Os velhos homens tinham outros costumes. 3. Que tem muito tempo de existência: Esta casa é velha, mas está em bom estado. 4. Gasto pelo uso; usadíssimo: camisa velha. 5. Que há muito possui certa qualidade ou exerce certa profissão: É um velho advogado. 6. Desusado, antiquado,obsoleto. 7. Empregado ou usado há muito: método tão velho quanto eficaz.~V. _ Mundo,_ Testamento, caboclo,_ ,ferida_a, ferros_s,macaco_, negro_ ,noite_ , a e república_a.*S.m. 8. Homem idoso. 9. Bras.Fam. Pai, papai: O meu velho comprou um carro. [Aum. da acepç. 8: velhaças. Dim.irreg., das acepç. 1 e 8): velhote, velhusco, velhustro.]

No entanto, Fairclough trata da relação entre palavras e seus significados como um domínio de experiência que pode ser recortado como parte das relações sociais.

Desse modo, os sentidos passam a ser construídos a partir dos elementos de uma ordem do discurso, ou seja, passam a ser atribuídos a partir dos conflitos ideológicos internos a uma determinada conjuntura sócio-histórica. As condições de produção de um discurso, portanto, determinam o sentido de uma palavra, expressão ou enunciado. Não existe, pois, um sentido em si mesmo.

Podemos assim questionar as categorias da semântica estrutural que trata das relações de sentido entre palavras: sinonímia, antonímia, hiponímia a partir da compreensão de que as relações de sentido dependem do lugar "social" de onde se fala. Nessa linha de raciocínio, o discurso da F.S.P, construirá sentidos para a velhice de acordo com as posições ideológicas assumidas no processo sócio-histórico na qual esse discurso é produzido.

Não se pode, portanto, falar das relações de sentidos por exemplo entre palavras ditas sinônimas sem levar em conta que as escolhas lexicais são também feitas a partir das condições de produção do discurso. Vejamos como a semântica tradicional trata essas questões.

Conforme John Lyons (1978: 479), "na semântica tradicional a sinonímia é vista geralmente como uma relação estabelecida entre unidades lexicais". A definição é dada, pois, se uma expressão, E1, implica outra expressão E2, e se ocorre também o inverso, E1 e E2 são equivalentes: i.e, se $E1 \supset E2$ e se $E2 \supset E1$, então $E1 = E2$ (em que = significa "é equivalente a").

Desse modo, duas palavras são consideradas sinônimas quando fazem em todos os seus empregos, a mesma contribuição ao sentido da frase (cf. Ilari, 1985), Vejamos o trecho da matéria a seguir:

26. Como se apaixonar pela vida na *velhice*

No dia 18 de outubro próximo, a tradutora Julieta Cupertino vai completar 92 anos e, ainda que não tivesse outra razão para festejar, haveria uma, raríssima no Brasil. Sua realização profissional aconteceu na *terceira idade*. (F.S.P - 26/09/1999)

Posso então tomar a expressão *velhice* (E1) utilizada no título da matéria como sinônima para a expressão *terceira idade* (E2) uma vez que as duas expressões são equivalentes. Ou melhor: de acordo com testes tradicionais em sinonímia lexical as duas expressões são sinônimas porque substituindo (E1) por (E2) ou vice-versa, o sentido do texto permanece inalterável, sem que o mesmo passe de verdadeiro a falso.

Ora, mesmo que eu não questione aqui o par dicotômico verdadeiro/falso ou possibilidade de apreendernos intuitivamente um sentido que aparece como se estivesse inscrito na superfície textual, posso dizer que embora a F.S.P utilize as duas expressões, (E1) e (E2), como sinônimas elas não se apresentam como tal em todos os contextos.

Por exemplo, nas matérias que descrevem o lazer, a sexualidade, os cuidados com o corpo, as opções de emprego, ou seja, matérias que enfatizam a juventude como um estilo de vida para os idosos, a designação utilizada é sempre terceira idade. Já os artigos

que denunciam a situação de miséria que enfrentam os idosos (em número bem pouco significativo) utilizam sempre a designação velhice. Senão ,vejamos:

27.Último Asilo.

A **velhice** nos asilos se confunde com solidão, ociosidade e abandono, às vezes com doença física, outras vezes com demência mental. Abrigos, albergues, asilos, casas de repouso - essa é a nomenclatura dos lugares onde se depositam os idosos para "viver seus últimos dias", eufemismo para "esperar a morte chegar".(F.S.P - 26/09/1999)

28.Agilidade e acrobacia na **terceira idade**.

Jonas Lopes Rubim, 78, e sua mulher Guelda, 78, moram em Itaguaí (RJ); passeando com a neta no parque Ibirapuera, em São Paulo, ele dá um show de agilidade na barra. Os Rubim preferem alimentar-se de legumes e frutas. "Ficamos de três a quatro meses sem comer carne e tomamos suco de repolho todos os dias", conta ele, que nada, mergulha e anda de bicicleta diariamente. (F.S.P - 26/09/1999)

Nos exemplos acima, a expressão velhice(E1) não pode ser substituída pela expressão terceira idade(E2). Essa impossibilidade de substituição ou equivalência não diz respeito ao critério falso/verdadeiro ,ou a afirmação - já dita pelos semanticistas de que a sinonímia depende do contexto, mas sim ao elemento da ordem do discurso onde se instaura o sentido de uma velhice positiva. Esse novo sentido é instaurado em um momento político-histórico em que se inauguram políticas para um controle da velhice, tornando-a uma fase de vida saudável, na qual seja possível produzir bens econômicos e

culturais ao invés de prejuízos para a sociedade - a partir de uma maior permanência no mercado de trabalho e uma considerável diminuição dos gastos com saúde pública a ser alcançada a partir da propagação da fonte da juventude como a responsabilidade individual de cuidar de si mesmo.

A designação *terceira idade* é uma construção que pertence a essa formação discursiva e que assume, portanto, um sentido determinado por esse elemento da ordem do discurso. Associada historicamente a práticas que pretendem mostrar que podemos ser jovens em qualquer fase da vida, a expressão *terceira idade* parece querer referir-se a uma fase intermediária entre a idade madura e a velhice propriamente dita. A terceira idade seria, assim, uma espécie de velhice, ou seja, o significado de terceira idade estaria incluído no significado de velhice? Teríamos, aqui, um caso de hiponímia?

Segundo Lyons, a hiponímia é uma das mais fundamentais relações paradigmáticas de sentido em função das quais se estrutura o vocabulário (cf. 1979). A relação de hiponímia seria, pois, a "inclusão" de um termo mais específico num termo mais geral.

No que diz respeito às relações entre *velhice* (E1) e *terceira idade* (E2), nota-se que estas são, muitas vezes, relações de incompatibilidade ao invés de relações de inclusão. A partir da sequência de textos anteriores, embora algum analista possa dizer que (E1) e (E2) são coextensivas, i.e, tem a mesma extensão pois a referência das duas expressões seria uma pessoa idosa, percebo, no entanto, que são incompatíveis e que o processo de referenciação é instável.

Nos textos (27) e (28) as expressões *velhice* (E1) e *terceira idade* (E2) podem se apresentar, a partir da visão da semântica tradicional como um dos casos de incompatibilidade: a antonímia, que caracterizaria a relação de oposição entre sentidos.

Um modo tradicional de estabelecer a compatibilidade ou incompatibilidade entre as unidades lexicais seria a abordagem componencial, ou seja, a apresentação para esta unidade lexical de uma série de componentes semânticos, ou propriedades que lhe são atribuídas. Desse modo a oposição entre sentidos seria vista a partir da oposição entre propriedades, uma vez que "o sentido de cada unidade lexical é produto dos componentes semânticos que a constituem" (Lyons, *idem* : 505).

Numa análise componencial posso então comparar as duas unidades lexicais (E1) e (E2) a partir dos próprios atributos apontados nos textos (27) e (28) que representariam os componentes semânticos de tais unidades.

<i>Terceira Idade</i>	<i>Velhice</i>
Sociabilidade	Solidão _ abandono
Agilidade e acrobacia	Ociosidade
saúde, boa alimentação	doença física e mental

A partir da análise das propriedades semânticas claramente opostas atribuídas nas matérias para *terceira idade* e *velhice* é fácil compreender, nos textos da F.S.P, que a propagação de novo estilo de vida para as pessoas idosas rejeita o uso do termo *velhice*. Para designar as pessoas idosas que encaram a vida com sucesso e prazer rejeita-se as expressões *velhos*, *pessoas velhas* por associarem estes termos a determinados atributos ou propriedades que devem ser combatidas e superadas no atual contexto sócio-econômico. Vejamos o texto abaixo:

29. Volta às aulas

A Universidade de São Paulo tem um programa voltado apenas quem tem mais de 50 anos. O objetivo da Universidade Aberta à Terceira Idade é reintegrar essas pessoas à sociedade. Para isso, oferece vagas em diversas disciplinas dos cursos de graduação, além de atividades culturais e físicas, todas gratuitas.

Irene Kioko Tomita, coordenadora do programa desde 1992, ressalta que a idéia é dar "algo mais" do que simples passatempos. "Procuramos propor cursos com maior fundo cultural. Além disso, nos preocupamos em oferecer atividades nos quais os idosos treinem coordenação motora e memorização", explica. Como a função do programa é ser pessoal, e não acadêmico, qualquer pessoa pode participar, mesmo sem ter escolaridade. "Basta ter mais de 50 anos e conseguir acompanhar o curso que escolheu", explica Irene.

A procura é grande e nem sempre há vagas para todos. Mesmo assim, a coordenadora diz que muitas pessoas ainda deixam de fazer as atividades em razão do próprio preconceito: "Os próprios idosos se marginalizam, se afastam da sociedade, porque se sentem velhos". (F.S.P - 18/05/1997)

A voz reportada no texto denunciando o preconceito dos próprios idosos por se sentirem velhos, dialoga com o discurso que nega a velhice, ou melhor, as propriedades que lhe são comumente atribuídas. ["Os próprios idosos se marginalizam, se afastam da sociedade, porque se sentem velhos"] O que significa sentir-se velho? Entregar-se a um estágio criado apenas por uma marcação sócio-cultural de uma das fases da vida ou reconhecer os limites do próprio corpo e da vida? É possível não se sentir velho sempre?

Tratar o objeto velhice como um efeito do confronto entre discursos (discursos que denunciam a situação dos velhos no Brasil e discursos que supervalorizam os aspectos positivos) é perceber a urgência de rever as categorias (sinonímia, hiponímia, antonímia) da semântica tradicional. Posso dizer que o sentido da velhice instaurado no discurso jornalístico é o da própria negação da velhice, a partir da recorrência do termo terceira idade que se opõe em sentido a posição velhice .

Como , então, as duas expressões são usadas em uma única matéria para designar as pessoas idosas? O que significa a presença nas matérias de expressões como *envelhecimento saudável, velho ativo, velhice feliz*? Significaria, pois, a referência a um envelhecimento não saudável, a um velho inativo e a uma velhice infeliz? Portanto, as diferentes designações empregadas como sinônimos e funcionando como hipônimos, ou antônimos podem ser entendidas a partir da noção de ordem do discurso, como a pensou Fairclough.

O discurso da Folha de São Paulo está situado nessa ordem do discurso, cujos elementos (formações discursivas) vão dizer quais termos devem ser empregados nas

matérias e determinar as relações de sentido a serem estabelecidas entre tais termos. Concluo que, como não há sentidos inscritos nas palavras, mas sim sentidos construídos a partir das formações discursivas e instaurados em uma ordem do discurso, também não há relação entre sentidos discretamente demarcadas: o que há são variáveis a partir das apropriações ideológicas para os sentidos.

CONCLUSÃO

Ao fim da análise, posso dizer a título de conclusão, que o sentido construído para a velhice no discurso jornalístico é o sentido da não-velhice, estabelecido no processo sócio-histórico e estabilizado em uma ordem do discurso que delimita um raio de possibilidade para a operacionalização da ideologia.

A análise das matérias jornalísticas nos permite ver o sentido da velhice como fase de prazer e poder, que prepondera no discurso da *Folha de S. Paulo*, como resultado da intertextualidade, i.e., da heterogeneidade discursiva em que se articulam dialogicamente o discurso da velhice como fase de decadência (fundação discursiva capitalista) e o discurso da velhice como fase de rejuvenescimento (fundação discursiva neoliberal). A visibilidade da velhice produzida no discurso jornalístico se constitui a partir dessa articulação em que vozes se confrontam e um discurso se faz resposta a outro. Essa heterogeneidade no discurso da Folha possibilita a operacionalização de ideologias neoliberais, conforme se vê a seguir:

-Legitimação: através da utilização de estatísticas econômicas e demográficas, o discurso jornalístico legitima o discurso dos especialistas que apresentam o envelhecimento populacional como um dado alarmante, justificando a criação de um mercado de previdência, em que grupos financeiros possam concorrer para satisfazer as necessidades, não apenas de ordem financeira, mas social e cultural dos idosos.

-Dissimulação: através do deslocamento de sentidos de uma velhice decadente para uma uma velhice rica em realizações pessoais, constrói-se uma espécie de coesão social unindo grupos de mesmas faixas etárias, o que resulta na exclusão dos que não se enquadram nos padrões do grupo.

- Naturalização: é interessante notar, no que diz respeito a naturalização de ideologias, que o discurso da velhice positiva traz a proposição implícita de que existe uma velhice triste, inativa e decadente que deve ser combatida. Essa velhice negada a partir do apelo ao imaginário com a metáfora da fonte da juventude se torna a única medida de contraste entre os velhos vencidos e as pessoas de terceira idade, entre os que conseguiram vencer o tempo e as dificuldades de várias ordens e os que, por algum motivo, não conseguiram deixar de ser velhos.

Portanto, o discurso da Folha de S. Paulo sobre a velhice, situado na ordem do discurso, na medida em que propõe uma velhice positiva, recupera através da memória discursiva, o sentido da velhice abandonada para em seguida eliminá-lo através do argumento de que a adoção de determinadas formas de consumo e estilos de vida pode render os lucros de uma velhice invejável.

Sem dúvida, a manutenção do sentido da velhice como fase de poder e prazer construído historicamente é também a manutenção de ideologias que se tornam hegemônicas e operam em nossa sociedade de modo a instituir relações de poder. Relações de sentido entre o *velho* e o *não-velho*. Relações de poder entre os velhos e os que detêm o saber sobre eles. Práticas discursivas cuja análise abre caminhos para outras pesquisas.

SUMMARY

This thesis is an attempt to apply the principles of Critical Discourse Analysis and analyse the way newspaper journalist have handled the issue of old age. The corpus is confined to texts that appeared in *Folha de São Paulo* from 1990 to the middle of 1999.

The central aim is to look into why and how old age is currently being construed as a socio-political problem, starting with meanings that are naturalised in institutional discourses (with emphasis in the media and, more specifically, in written media).

Based an insights from the critical languages studies as developed by Norman Fairclough, an attempt is made to explore the relations between language and ideology with emphasis on the role of linguistics and its contributions to a better understanding of social life.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER-REVUZ, J. *Dialogismo e Divulgação Científica*. Trad: Eduardo Guimarães.
In: Rua, Campinas, n. 5 : 9-15, 1999.

ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos do Estado*; nota sobre os aparelhos;
ideológicos do Estado; Rio de Janeiro, Edição Graal, 1995.

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1990.

_____, *Estética Criação Verbal*. Trad: Maria Ermantina Gomes Pereira. São Paulo,
Martins Fontes, 1992.

_____, *Questões de Literatura e Estética (A Teoria do Romance)*. Trad: Aurora
Farnoni et al. São Paulo, Hucitec, 1993

BEAUVOIR, S. *A Velhice*. Rio de Janeiro , Nova Fronteira, 1990.

BOSI, E. G. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. São Paulo, T.A Queirós:
Editora da USP, 1987

DEBERT, G. *Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice*. In: textos didáticos _ IFCH, vol 13; 7-27: 1998.

_____, *A reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. São Paulo: Editora da USP: FAPESP, 1999.

FAIRCLOUGH, N. *Critical and descriptive goals in discourse analysis*. *Journal of Pragmatics* 9: 739-736; 1985.

_____, *Language and power*. London, longman, 1989.

_____, *Discourse and social change*. Cambridge, Polity, 1992.

FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1997.

_____, *A Ordem do Discurso*. São Paulo, Edições Loyola, 1998.

GADET, F e HARK, T (orgs). *Por uma Análise Automática do discurso*. Campinas, Editora da Unicamp, 1997.

GOHN, M.G. *Teorias dos Movimentos Sociais _ paradigmas clássicos e contemporâneos*, São Paulo. Editora Loyola, 1997.

GUIMARÃES, E. *Os Limites do Sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas, Pontes, 1995

HENRY, P. A. *Ferramenta Imperfeita: linguagem, sujeito e discurso*. Campinas, Editora da Unicamp, 1992.

ILARI, R. *Semântica*. São Paulo: Ática, 1985.

LYONS, J. *Introdução à lingüística Teórica*. São Paulo: Editora Nacional: Editora da USP, 1979.

MARIANI, B. *Discurso e Instituição: a Imprensa*. In. Rua, Campinas, n.5: 47-61, 1999.

OLIVEIRA, M A. *Reviravolta lingüístico-pragmática na Filosofia Contemporânea*. São Paulo: Editora Loyola, 1996.

PAPALÉO, N. M. *Gerontologia*. São Paulo: Atheneu, 1996.

PÊCHEUX, M.. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1997.

RAJAGOPALAN, K. O Lugar da lingüística no Estudo da Linguagem. In . série da linguagem, São Paulo: Editora Louise, 1997.

_____, *A ideologia do suprimido, ou como não teorizar a respeito da ideologia* . In. D.E.L.T.A., vol 14, nº (121-129), 1998.

_____, Tuning up amidst the din of discordant notes: on a recent bout of identity crisis in applied linguistics. *International Journal of applied linguistics* , vol.9, nº1; 99-119, 1999.

RAPOSO, E. *Teoria da Gramática: A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.

REDDY, M.F. *The Conduit Metaphor- A case of Frame Conflict in Our Language about Language*. In: ORTONY, Andrew, *Metaphor and Thought*. Cambridge University Press, 1979 ; 164- 201, traduzido e adaptado por Cristiana Magro e Maria Magro.

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo, Cultrix, 1969.

SILVA, T. *Os Manuais da Imprensa no Brasil: da redação à circulação pública*. Labjor/NUDECRI, Unicamp (no prelo).

SIMÕES, J. *A Aposentadoria e a Invenção da “ Terceira Idade”* In: Textos Didáticos
_IFCH, vol 13 ; 29-44: 1998

THOMPSON, J. *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era da
comunicação de massa*, Petrópolis , R.J: Vozes, 1995.

WILLIAMS, R. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979

WITTGENSTEIN, L. *Investigação Filosóficas*. In: Os Pensadores. São Paulo, Abril
Cultural, 1979.